

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9
TELEFONE 59 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O ANIVERSÁRIO DO "NOTÍCIAS DO ALGARVE"

QUANDO uma criança surge no berço logo, alvoraçados, se curvam sobre ela os pais, vem depois a restante família, acodem os amigos.

E cada qual lhe traça a seu jeito e conforme os seus desejos o horóscopo com que singrará na vida.

Quando este menino, que agora entra no seu sétimo ano apareceu, muitos lhe vaticinaram felicidades e a nós que o amparávamos queria parecer que assim seria. Mas quantas dificuldades a vencer, quantos obstáculos a transpor, quantas desilusões a amargar a sua existência.

Consultando, porém, a nossa consciência encontramos-a tranquila, sem per-

turbações que a alterem. E' que o menino, e este ao entrar nos 7 anos caminha já na adolescência, tem cumprido o que os seus progenitores lhe desejaram — o seu dever.

Não tem sido rabugento, a todos tratando com cordialidade e urbanidade, tem sido ordeiro, não abrindo cizânias antes tratando de as curar; tem tentado pelo exemplo e pela palavra edu-

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Literatura

A literatura levanta, na verdade, problemas muito curiosos. Por exemplo este de só encontrar na linguagem dos lobos fábulas em que eles nos aparecem como protectores das ovelhas. «Porquê? — perguntava eu ingenuamente. — Porque razão os lobos, nas suas fábulas se apresentam como defensores das ovelhas?»

Só compreendi bem este assunto quando, certa vez, em Miranda do Corvo, vi aquele homem chamar uma vaca de «pombinha», atraí-la com festas na cabeçorta teimosa. Esse homem era o magarefe.

Confiança

Não há flor tão sensível como a confiança. Um hábito mais breve a destrói...

Não há metal tão precioso como a confiança. Porque a falta de nenhum dá tanto desespero...

Não há negócio mais difícil do que a confiança. Porque só com a confiança pode obter-se...

CONSTRUAMOS SEMPRE!

COM este número, «Notícias do Algarve» completa mais um ano de vida.

Milhões e milhões de palavras foram escritas, compostas e impressas e, centenas de assinaturas tomaram a responsabilidade dos mais diversos assuntos.

Alguns destes mereceram o aplauso dos leitores, outros a sua discordância e muitos só viveram o tempo fugaz da apreciação distraída e desinteressada.

Esta é a história dum jornal, hoje actual e ainda hoje mesmo posto de parte, suplantado por novos jornais, a quem todavia, está destinada sorte igual.

Fragilidade de quasi todas as obras do público para o público, efémeras, incompletas pela força inexorável do tempo e do espaço. Por isso, ao traçar estas linhas, faço-o com uma finalidade espe-

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)

A DIGNIFICAÇÃO DE SAGRES

E O CULTO DEVIDO À MEMÓRIA DO SEU INFANTE

DEPOIS dos judiciosos alvitre para a valorização turística de Sagres apresentados na Sessão

PELO MAJOR MATEUS MORENO

Henriquina da Casa do Algarve, em 20 de Novembro do ano findo, pelo culto jornalista e filho dilecto daquela localidade, sr. António Rosado, e depois tam-

INQUÉRITO HABITACIONAL

Fomos informados pelo sr. dr. Adriano Gonçalves, que dirige os serviços do Inquérito Habitacional que se está levando a efeito nesta vila, que o mesmo Inquérito é extensivo ao sítio das Hortas.

bém do extremado empenho com que Sua Ex.ª o Ministro das Obras Públicas, sr. engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira, aditou essas e outras achegas ao plano de realizações que lhe foi submetido pelo Ex.º Presidente da Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Sr. professor Doutor Caeiro da Mata, parece mais não haver, realmente, da parte de todos os algarvios, do que confiar e saber esperar.

Do programa de obras relacionado com as comemorações, já se efectuaram, em Sagres, ou deverão ali efectuar-se até 1960, entre outras, as seguintes:



Margarida — um nome que o povo português soube acarinharr. Aqui a reproduzimos, apresentando às nossas leitoras um novo penteado e o melhor dos seus sorrisos

INTERESSES OLHANENSES (2)

O "S. JOÃO" FESTA TRADICIONAL E CARACTERÍSTICA DO CONCELHO DE OLHÃO

CONSIDERANDO válida a segunda das duas interpretações aqui apresentadas para a expressão legal: *festas características*, definidora de uma condição indispensável à fixação de qualquer feriado municipal, — o

que se verifica no concelho de Olhão?

Neste caso, a festa de N. S.ª do Rosário é, sem dúvida nenhuma, uma festa tradicional e característica de Olhão, até porque tem aspectos peculiaríssimos, que não encontramos, nas celebrações,

FOR ANTERO NOBRE

quer litúrgicas, quer profanas e sobretudo populares, do dia da mesma invocação da Mãe de Deus, a que assistimos em outras terras, mesmo em algumas, como o Barreiro, em que elas se revestem de bem maior esplendor; não constitui, porém, como mostramos no artigo oportunamente publicado no *Correto Olhanense*, uma festa tradicional e característica de todo o concelho, porque o é só, e exclusivamente, da vila de Olhão, oferecendo assim, para feriado municipal, os inconvenientes seríssimos que apontámos naquele mesmo artigo e não repetiremos aqui, para não roubar

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

SEMANA DO ULTRAMAR em S. Brás de Alportel

No cine-Teatro de S. Brás de Alportel, efectuou-se uma sessão solene integrada na Semana do Ultramar, em que foram oradores os srs. ten. Manuel Belchior e rev. António Inácio. No final da sessão usou da palavra o sr. cap. Matias Morato Chambel, presidente da Câmara Municipal de S. Brás de Alportel.

não manifestam dúvidas sobre o êxito que está reservado à sua organização turística, uma vez que se transformem em acção todas as ideias indispensáveis para valorizar e movimentar os magníficos recursos naturais.

Por que motivos tem sido retardada a solução do problema turístico no Algarve? Por diversas causas, entre as quais não posso incluir qualquer má-vontade.

Em primeiro lugar, nunca se desenvolveu no nosso encantador Algarve aquela forte mentalidade turística capaz de impulsionar o problema. Depois, tem havido uma certa apatia da parte de individualidades ou entidades oficiais indicadas para resolver problemas desta natureza, possivelmente preocupadas com outras questões importantes. E há, ainda, a considerar o aspecto financeiro que comporta uma completa solução, tanto mais que não se trata de atender exigências turísticas apenas de uma cidade ou praia, mas sim de uma vasta região, sem esquecermos que tanto no Barlavento como no Sotavento do Algarve há aspectos turísticos que se conjugam e entrelaçam e devem ser

observados e atendidos em conjunto.

Quais as características essenciais de uma zona de Turismo e os elementos vitais que a devem valorizar? Paisagem aliciante,

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)



PRAIA DA ROCHA

JORNALISTAS AMADORES

HÁ uns tempos a esta parte tenho vindo a registar que muitos dos que escrevem na pequena imprensa repudiam enérgicamente a designação de *jornalistas amadores* que muita

<POVO ALGARVIO>

Entrou no 26.º ano de publicação, o nosso estimado colega «Povo Algarvio» que tão galhardamente tem defendido os interesses da nossa provincia, como também da cidade de Tavira, onde é publicado.

Ao seu Director e nosso querido amigo sr. Manuel Virgínio Pires e a todo o corpo redactorial o «Noticias do Algarve» apresenta os seus votos de feliz continuidade.

gente lhes dá, baseando-se na verdade inofismável de que quem faz jornal é jornalista e quem trabalha gratuito é amador.

Na parte que me toca, e para encurtarmos de razões, tenho muita honra em ser amador. A menos as restrições importadas por um estado de coisas, já anacrónico, que não está na minha

PELO

Eng. J. SILVA CARVALHO

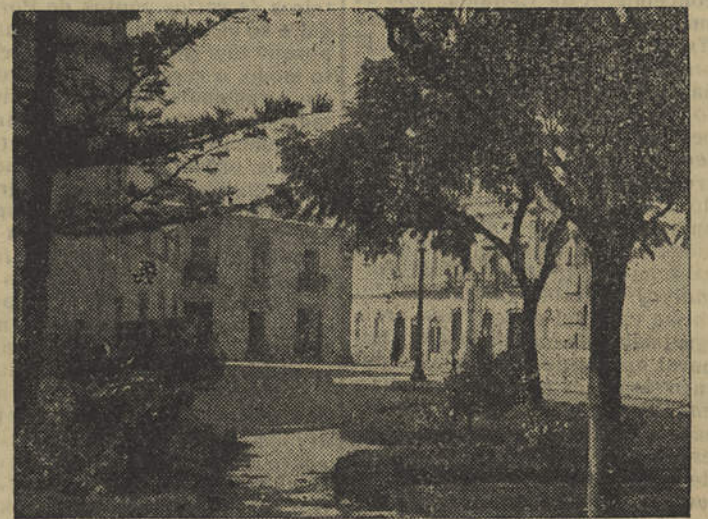
mão modificar, escrevo para onde quero e quando quero. Nestas condições, sou amador. Não há dúvida nenhuma.

Há quem veja no amadorismo uma espécie de marca de origem, significativa de inferioridade com relação aos jornalistas profissionais, ou de sintoma de descrédito quanto às aptidões que alguém possa ter para delinear um artigo com pés e cabeça, com ideia e finalidade.

Na minha fraca maneira de vêr, esta psicose retrata ao vivo uma espécie de complexo de inferioridade, carecido de lógica e necessitado de esclarecimento.

Em primeiro lugar há amadorismo que é jornalismo, e... amadorismo que não é coisa nenhuma. Disto resulta a existência de periódicos como «Noticias do Algarve», francamente honrosos

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



OLHÃO — Largo da Restauração

Patriotismo ou Indiferença?

DOIS acontecimentos recentes no cinema nacional vieram mais uma vez confirmar o pouco apreço que nos merecem os talentos e méritos dos nossos compatriotas e a fraca conta em

FOR N. RODRIGUES PENA

que temos o nosso trabalho e a nossa inteligência. Habitados desde os bancos das escolas a ouvirmos exaltar as nossas virtudes de realização, habituados a fixarmos os feitos dos Gamas, Albuquerque e dos Camões, a

inculcarem-nos que a cultura é um dos factores em que se estruturam as nações, dir-se-ia que pela vida fora iríamos respeitar esses princípios e manter-nos sempre fiéis a esse imperativo patriótico. Quase todos os santos dias eu ouço na Emissora Nacional, em programa da Associação Industrial Portuguesa, um oportuno «slogan» que é todo um programa, uma ética: Portugueses preferi os artigos nacionais.

Pois bem, apesar de certos factos que me inspiravam certas

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. dr. Armando Celorico Drago.

Encontra-se em Monte Gordo, na sua linda vivenda, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Ten. coronel dr. Vasco Martins.

Em franca convalescença encontra-se na sua propriedade das Lezírias, o nosso estimado amigo sr. Hugo Celorico Drago, a quem desejamos feliz e rápido restabelecimento.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso prezado assinante sr. Jorge Cristóvão.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta Redacção, o nosso prezado assinante sr. Francisco Mascarenhas.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila, o nosso estimado amigo, sr. José Manuel Pereira, funcionário superior da Caixa Geral de Depósito Crédito e Previdência, em Lisboa.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, o nosso prezado assinante em Montejunto, sr. Luís Correia Vargas.

Acompanhado de sua esposa e filhos encontra-se nesta vila, o nosso estimado assinante em Lisboa, sr. dr. Jorge Lopes Bonança.

Com pouca demora esteve em Lisboa, o nosso prezado amigo sr. Angelo Camarada Carro, residente nesta vila.

Acompanhado de sua esposa e mãe, esteve em Lisboa, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, onde foi tomar parte na reunião do curso de 1934-39, para comemoração do XX ano de formatura.

A Dignificação de Sagres

(Conclusão da 1.ª página)

sido outrora a Vila do Infante;

b) Adaptação destas habitações a instalação dos turnos da Mocidade Portuguesa e de Cadetes da Armada, que deverão passar a fazer a guarda do Promontório, a partir de 1960, e ainda a Salas e Pousadas para o funcionamento de cursos livres sobre a História dos Descobrimentos;

c) Lançamento de uma estrada marginal em todo o Promontório, com ligação a miradores toponimicamente relacionados com tradições henriquinas;

d) Estudo da chamada «Rosa dos Ventos», que se encontra à esquerda da Fortaleza, quando se entra;

e) Transferência da Estação Radiogoniométrica e Radiotelegráfica para fora do Promontório e substituição do actual Farol por outro «com a dignidade própria do local».

Como componente da De-

legaço incumbida de elaborar o programa das comemorações no Algarve, sugeri, em devido tempo, se propuzesse à Comissão Executiva, que o referido Farol fosse integrado numa alta coluna rostral encimada pela Cruz de Cristo, como primeiro sinal deixado pelos navegadores do Infante D. Henrique nas terras que descobriram, e símbolo glorioso a cuja luz se escreveu toda a epopeia dos nossos feitos marítimos, coluna que tivesse por base um amplo edifício de, pelo menos, três salas, sendo a central destinada a museu de evocações henriquinas (a designar, talvez, por «Memorial de Sagres») e as duas restantes à montagem de uma pequena biblioteca náutica e de um posto de informações turísticas, com venda de recordações locais, reprodução de mapas, livros, etc.

A entrada nestas três salas efectuar-se-ia por um átrio em que dominasse a

estátua do Infante D. Henrique, formando-lhe o ambiente adequado alguns baixo-relevos inspirados em episódios ocorridos com os seus principais colaboradores, tanto nacionais como estrangeiros.

No caso de se poder dar suficiente monumentalidade a este conjunto, para admiti-lo, sem grande deslustre, como substituição do grandioso monumento que se projectava elevar em Sagres, convirá que a base da coluna tomasse a feição de prôa de um navio, com a respectiva amurada.

Para acesso ao dito conjunto alvitra-se, finalmente, o traçado de uma rua, suficientemente larga e ladeada, a espaços, de bancos artísticos e placas evocativas de episódios da vida do Infante.

Dado o pouco tempo que já nos separa do início das comemorações, grato será, decerto, à memória da grande figura nacional cujo quinto centenário do seu passamento, em Sagres, se pretende justicieiamente evocar, que ao menos um dos números das solenidades a promover no histórico local não deixa de ser o lançamento da primeira pedra da construção que fica referida, ou de qualquer outra, com igual finalidade, que melhor a substitua.

Fora da Fortaleza de Sagres, já se encontra também restaurado o claustro do convento do cabo de S. Vicente, bem como a Fortaleza; no Forte de Belixe fizeram-se importantes reconstruções com finalidade histórica e turística, que transformaram o acolhedor local em deslumbrante miradouro; na Quinta da Raposeira, perto da Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, iniciaram-se escavações para o estudo e conveniente resguardo dos alicerces da suposta pousada onde o Infante D. Henrique teria recebido a visita de Luis Cadamosto, e em local sobranceiro à Praia da Balieira, muito acertadamente escolhido nas proximidades do Centro Social de Assistência, vai ser construída, pelo S. N. I., uma Pousada de Turismo, que ficará sem dúvida, das maiores e melhores do País.

Tem esta construção, no projecto, o nome de «Pousada de S. Vicente»; espero, porém, que, para se evitarem confusões atrevidas sobre a sua própria finalidade consagratória, possa ainda passar a designar-se, como inicialmente se pensava, — «Pousada de Sagres» ou «Pousada do Infante».

A memória imperecível de S. Vicente ficará suficientemente venerada — e muito bem — com os restauros do convento de sua invocação, na cabo que lhe tomou o nome.

Mateus Moreno

CONSTRUAMOS SEMPRE!

(Conclusão da 1.ª página)

cial, a de enviar uma mensagem aos que, por acaso ou propositalmente as lerem, mensagem de paz e apelo às suas consciências, pedindo-lhes que construam sempre e, em caso algum, façam o contrário, pois o mundo necessita de todos para o bem de todos.

Cada vez é mais necessário ter-se o sentido e a medida do valor de cada um de nós e, oferecendo à humanidade inquieta, por ameaçada pelo desequilíbrio dos que julgam, erradamente, ser mais cómodo destruir, fugindo à própria realidade que cheia de cor e som, assusta os medrosos, os ávidos, os egoístas, de olhos postos nos frutos da árvore do visinho, desejando ardentemente que ela feneça para a sua valer mais...

Lembro-me ainda de quanto me fazia sofrer o sópro brincalhão, derrubador do meu castelo de certos de jogar, policromado e sem outro significado além do contido na minha infantil imaginação.

Tanto trabalho a colocar esses rectângulos de cartolina tentando subir mais alto, construindo, e vê-lo depois desfeito, em ruínas, sem vantagem para alguém!

Assim é a vida; pessoas maldosas, angulosas, a fazer de vento para derrubarem os castelos dos idealistas, dos doutrinários, dos apaixonados, os únicos, os grandes constructores da civilização que, só pode ter alicerces seguros, na palavra bem.

«Notícias do Algarve», deve pois não aceitar nas suas colunas doutrinas que não construam pois só assim cumprirá a sua missão, a elevada e nobre missão da imprensa, pois construir mesmo que sejam castelos de papel é melhor que destruir castelos ainda que feitos de granito.

Júlio Padessa

Santa Casa da Misericórdia

DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Convoco a Assembleia Geral desta Santa Casa para se reunir extraordinariamente no dia 21 de Junho de 1959, pelas 15 horas, na Rua de Aveiro n.º 57, para discussão e aprovação do novo Compromisso.

Não comparecendo a maioria dos Irmãos, funcionará a Assembleia com qualquer número, uma hora depois.

Vila Real de Santo António, 11 de Junho de 1959.

O Secretário

João Leal Socorro

UM ÊXITO DO CLUBE NÁUTICO EM OLHÃO

Mais um êxito digno do maior registo, tem o Clube Náutico a juntar ao seu já grande palmarés de vitórias conseguidas, com bem equilibradas e harmoniosas exhibições de ginástica.

A apresentação das classes de Ginástica, deste popular clube villarealense, que conforme noticiámos se exibiram no vasto recinto do Clube «Os Olhanenses», entusiasmou de maneira impressionante a assistência que enchia literalmente, todo o recinto.

Por mais esta vitória alcançada, felicitamos os Directores do Clube Náutico, fazendo votos para que a acção do popular clube constitua a bem da juventude da nossa terra.

COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

O Chanceler Negrão de Lima a quem o Embaixador de Portugal no Rio de Janeiro transmitiu aquele convite agradeceu a iniciativa de associar o Brasil às homenagens a uma grande figura de projecção universal que pertence à história das duas Pátrias e exprimiu ao Embaixador o agrado com que o presidente da República aceitará o convite e receberá a missão extraordinária que o virá transmitir.

Duas Palavras Um símbolo CASA RUBI

(Situada na rua do Cine-Fox-55-57)

A casa que tem por norma comprar bem para melhor servir os s/ clientes

Sortido completo: artigos escolares, escritório e fotográficos. Novidades Nacionais e Estrangeiras: Utilidades, Bijuterias, artigos de Tabacaria, para praia e Brinquedos etc.

Livros dos melhores autores: vendemos a pronto e com facilidades de pagamento

ACEITAMOS ainda assinantes para a monumental obra «OS BUSÍADAS»

IMPORTAMOS ARTIGOS DE ÓPTICA

Interesses Olhanenses

(Conclusão da 1.ª página)

mais espaço ao *Notícias do Algarve*, mas os leitores compreenderão facilmente, recordando que o feriado municipal não abriga apenas os habitantes das sedes dos concelhos, e sim todos os munícipes, portanto também os habitantes das restantes localidades da circunscrição municipal. A festa de N. S.ª da Conceição, igualmente nos parece que pode considerar-se tradicional, pois ali se realiza praticamente desde que existe a Igreja grande de Olhão; mas, não é característica, porque em nada se distingue de outras solenidades religiosas locais, nem de similares que se efectuam em todo o País e, além disso é também apenas local e não concelhia. A da Epifania, com as suas tradicionais e bem pitorescas *Esperas dos Três Reis* (aliás, já praticamente caídas em desuso, e há quase trinta anos sem o *aparato*, o sentido espectacular e a repercussão que chegaram a ter nos tempos duros da *Música Nova*, cremos que sua última organizadora, e do autêntico mecenas que, em relação a elas e a outras actividades tradicionais de Olhão, exerceu o *Senhor Antbal da Farmácia*), poderiam talvez considerar-se características, mas eram igualmente apenas da vila. O Carnaval, apesar de em Olhão... durar seis meses no ano, como diz a *cantiga* que uma revista local consagrou, e de, sob certos aspectos... *especialíssimos*, em todo o País de há muito ser *famoso* (tristemente, desprestigiadamente *famoso*, por muito que isso pese a quem quer que seja, mas como podem comprovar quantos olhanenses se têm envergonhado dos comentários a propósito ouvidos de norte a sul de Portugal), não se pode considerar característicos, em nenhuma das acepções em que a palavra seja tomada; menos ainda é tradicional, apesar de não serem novas as suas celebrações olhanenses, e nem sequer se lhe poderá chamar a *festa*, no sentido em que o legislador sem dúvida considerou a palavra, a despeito do luzimento e entusiasmo que em alguns anos alcançaram as batalhas de flores não apenas na vila, mas também em Moncarapacho.

Que resta, pois? Apenas o dia de S. João!

O S. João, de facto, naquele segundo conceito que indicámos, é bem tradicional e característico de Olhão e de todo o seu concelho; não só porque em todo o concelho o festejo entusiástico e ruidosamente desde séculos, nu-

ma continuidade que jamais sofreu quebra, num arrejamento do coração do povo às suas celebrações que suplanta em muito o que o prende a quaisquer outras festas e numa constância de formas realizar aquelas (mestros, bailaricos, fogueiras, etc.) que lhe deu autênticos foros de tradição, — mas também por que há, sem dúvida nenhuma, no S. João olhanense, coisas que o distinguem e diferenciam das manifestações *sanjoaneiras* de todo o País. E para prova da existência dessas coisas sem dúvida bem características, bastará citar aqui os *combates de carretilhas*, famosos no Algarve inteiro (se até há localidades que pretendem imitá-los e mesmo reivindicar a sua *criação*...), já a chamar forasteiros de vários pontos de Portugal e só não atraído muitos mais, porque têm sido sempre e de certo modo, o resultado de improvisos ocasionais ou de iniciativas individuais esporádicas, e nunca convenientemente estudados, planeados, organizados e realizados como grande *espectáculo* ou grande *atractivo* local, nem pintados em *espanpanantes cartazes de grande turismo*; e ainda o *ir à cana verde*, nas madrugadas de S. João, linda tradição das moças e dos moços não só da vila, mas também e pelo menos de Moncarapacho e da Fuzeta, tão característica e tão cheia de poesia, mas que nunca teve repercussão por aí além fora do concelho, e até quase vai desaparecendo (se é que já não desapareceu de todo!...) nos usos e costumes locais, exactamente por que não passou de esporádica iniciativa individual, ou dos pequenos grupos de foliões ocasionalmente constituídos à saída dos bailes, quando podia ser número organizado de festejos devidamente programados com finalidade, já não diremos turística, mas de bela diversão local; e também os *mestros*, mas tal como desde tempos imemoriais em todo o concelho de Olhão se *armaram* por largos, becos, ruas e quintalões, e não como hoje em dia começam a aparecer, substituindo o antigo *pau* ornamentado com festões de verdura, por arcos e *arquinhos* estilizados, a arremedar as típicas ornamentações *sanjoaneiras* de outras terras, onde imperam outros costumes, — os velhos *mestros* de marcela e murta, com *charolas* que eram verdadeiros poemas de papel rendilhado e colorido, verdadeiras criações artísticas obtidas numa *renhida* disputa de primarias em habilidades manuais e bom gosto, que envol-

via e entusiasmava, durante meses de preparação, as moças de cada bairro, de cada largo, de cada rua; e, finalmente (para não citar muitas mais, que tantas são as *coisas* bem características do velho S. João olhanense, fuzetense moncarapachense, de Quelfes e de Pechão) os *cantares ao desafio*, em que a emulação dos poetas e cantadores populares punha uma nota tão viva pitoresca, e os *bailes de roda*, de tão singular beleza, e os *bailes mandados*, tão típicos e de uma riqueza folclórica tão grande, estes com as suas *marcas* finais em *bicha* dos dançarinos por ruas e ruelas dos bairros ou das aldeias, cantando modinhas improvisadas à luz dos archotes, dos balões e das fogueiras, — esses *bailes mandados* e essas *bichas* que andam agora a ser substituídos não sabemos por que estilizados e revestidos *marças*, apodadas de *populares*, numa siamesca imitação do que *teatralmente* se faz em outros sítios, e não tem quaisquer raízes na *alma* da nossa gente!

Todavia, embora o S. João seja, desta forma e sem dúvida nenhuma, uma *festa tradicional* e característica do concelho de Olhão, *afigura-se-nos* que alguma coisa lhe tem faltado ainda — mas está ao que parece, em vias de conseguir-se, diga-se desde já —, para que realmente possa vir a ser aceite pelas instâncias governamentais como *feriado municipal*. E num dos próximos números veremos o que é isso que ainda falta, se os leitores quiserem ter a *pachorra* de nos *acompanhar*.

Antero Nobre

P. N. — No nosso primeiro artigo, um *imprevisível* salto tipográfico *comem* algumas linhas, sem tirar o sentido à frase, é certo, mas deturpando a verdade. Foi na linha 10 da primeira coluna da 4.ª página, onde se lê: «... Coimbra teve de regressar à tradição das suas típicas romarias anuais ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios...»; e onde devia ler-se, porque foi isto que escrevemos: «... Coimbra teve de regressar à tradição das suas celebradas e realmente *iniciais* festas da Rainha Santa Isabel. Lanço as suas típicas romarias anuais ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios...» Aqui fica a rectificação necessária, do salto pedindo desculpa aos leitores, em nome dos amigos tipógrafo e revisor...

A. N.

NÃO HESITE Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos PREFERA A TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS Telefone 59 Apartado 3 Vila Real de Santo António

CALÇADO NILO

CASA TRINDADE

ATCA

CONFECCÕES LANIFÍCIOS PANOS BRANCOS ATOALHADOS ETAMINES NOVIDADES

CHAPÉUS PALMARES

Manuel da Silva Noy

Reparações Rádio-Eléctricas



Acessórios para RÁDIOS E AUTOMÓVEIS

TELEFONE 118

Vila Real de Santo António

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

CASA DE PASTO

DE

GAVINO RODRIGUES

Serve Pequenos Almoços - JANTARES - LANCHES VARIADOS

REFRIGERANTES FRESCOS

Aberto até 1 hora da noite

Rua Candido dos Reis, 83 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SOCIEDADE COMERCIAL AIRI, L.ª

RUA TEÓFILO BRAGA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FAZENDAS-MIUDEZAS

A casa que mais barato vende por as suas compras serem feitas directamente às fábricas

“Leonardo da Vinci e o seu Tempo” Tesouradas

FIGURAS AMIGAS

(Conclusão da 4.ª PAGINA)

(CONCLUSÃO DA 6.ª PAGINA)

encargo da sua publicação, sem ter de recorrer às vendas em fascículos. Para isso ainda foi mister a intervenção dum mecenas — ainda há mecenas em Portugal, sem serem regados a petróleo — pois, fora da novela policíesca ou dos romances cor-de-rosa, os editores portugueses não fazem grande negócio. O Autor julgava, porém, útil a publicação da obra como instrumento da difusão da cultura. Os exemplos das vidas dos homens de génio não criarão génios, pois estes são acidentes fortuitos na vida da espécie. São, contudo, um exemplo de como pode o homem desprender-se de todas as limitações da condição humana, para se alçar à dignidade dos deuses.

Por isso, o autor tem consagrado as folgas da sua actividade profissional de jornalista a escrever biografias de homem de génio: Diderot, Victor Hugo, Zola, Rodin, Ferreira de Castro. Ora, Leonardo da Vinci é, de longe, o maior de todos. A sua vida não pode ser romancada, porque não teve nada de romanesco. Foi, como tantos lhe têm chamado, «um operário da inteligência», um produtor de ideias e criador de formas. Na sua vida não há uma mulher. Ora, romanesco sem uma intriga amorosa, não é romanesco. Leonardo não amou a mulher, mas as mulheres que pintou, desde a Virgem Maria, símbolo augusto da Mãe, até à misteriosa «Gioconda», que segundo a última hipótese não era uma mulher, são das imagens mais belas jamais saídas das mãos dum artista.

Também não amou a Deus, nem era um cristão praticante; contudo a majestade, a dignidade, a beleza e a grandeza de Jesus na «Ceia» de Santa Maria das Graças de Milão, a despeito dos desacatos do tempo e dos homens, é a mais nobre figura do Homem-Deus, jamais imaginada e realizada. Essa pintura e a «Gioconda» são as mais reproduzidas de todo o Mundo. Leonardo pouco mais pintou; mas isso basta. Escultor, o artista trabalhou anos numa obra plástica, o «cavalo» do monumento funerário de «condottiero» Sforza, mas não legou à posteridade nenhuma estátua. Arquitecto, não construiu nenhum edifício; mecânico, não fez nenhuma máquina; engenheiro hidráulico, não realizou nenhuma obra de en-

genharia, antes errou nos cálculos ao pretender desviar o curso do Arno; escritor, deixou milhares de páginas escritas que estiveram séculos por decifrar e não publicou nenhum livro em sua vida.

«Omo Sanza lettere» — como disse de si próprio — isto é, sem estudos escolares, foi o autodidacta no estado puro e deixou à Humanidade os primeiros estudos de Anatomia, o princípio da moderna Aviação e da locomoção submarina, Pintor, que errava na composição dos materiais empregados nas suas obras, legou-nos o primeiro «Tratado de Pintura», com preceitos válidos hoje como há quinhentos anos. Amante da Natureza, tão sentimental que adquiria avezinhas aos passarinhos para as pôr em liberdade, ideou terríveis engenhos guerreiros para ceifar vidas humanas. Homem livre, como nenhum jamais o foi, pois possuía a liberdade interior que é a única verdadeira, esteve ao serviço de tiranos de tortuosas manhas, como Ludovico, o Mourro, ou sanguinários, como César Bórgia.

A sua vida contraditória e excelsa, a sua obra prodigiosa e pouco conhecida, apesar de tudo, mereciam ser divulgadas. Foi isso que empreendeu o autor de «Leonardo da Vinci e o seu Tempo». Os leitores dirão se conseguiu dar uma ideia dessa vida portentosa. Pôs nisso todo o empenho; mas, se não o conseguiu, merece desculpa. É preciso ser um génio pa-

ra penetrar os arcanos do génio. Ora, o autor não é um génio. É um pobre homem de boa vontade, que pôs a sua rude pena de trabalhador ao serviço dos homens seus irmãos que ainda ignorem o que foi essa vida sem par na história. Só esses lhes interessam. Os sábios, não, pois já sabem tudo.

A fim de se documentar para essa tarefa, leu muitas dezenas de livros, tanto de Leonardo como dos seus biógrafos e comentadores. Um longo estágio de alguns anos em Paris permitiu-lhe estudar, pormenorizadamente, as principais obras de pintura e desenhos e manuscritos de Leonardo, que se encontram no Museu do Louvre. Uma demorada visita à Itália tornou possível examinar o pouco que resta das obras pictóricas de Leonardo em Roma e Florença, consultar os seus manuscritos nas bibliotecas, admirar a sua obra-prima quase morta já, a «Ceia», de Milão. O que viu e aprendeu causou-lhe tal deslumbramento que jurou a si próprio não morrer sem revelar aos leitores de língua portuguesa as impressões recebidas. Cumpriu o seu juramento.

Jaime Brasil

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE
EM TODO O ALGARVE

SANCHES & BARROSO, L.ª

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Proprietários e Exploradores do CINE-FOZ
Sub-Agentes depositário de Fibrocimento «NOVINCO»

Agentes depositários da tubos plásticos «UNILENE»

Agentes depositários da Refinaria de Azeites SOFAL

CORRESPONDENTES DOS

BANCO LISBOA & AÇORES e BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

AGENTES DE:

NAVIOS DE CARGA, BARCOS DE PESCA E ARMAÇÕES DE ATUM

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONTINUAÇÃO DA 4.ª PAGINA)

tes que constituíam o seu arcabouço em várias dimensões com som estereofónico a 6 bandas magnéticas.

Ele, pequerrucho, nervoso, limpando as lentes com que disfarçava a miopia, agitando consecutivamente o nó da gravata de fantasia, olhando amiúde a ponta dos sapatos engraxada e lustrosa e, tal como ela rematava a conversa com um «Ah, sim?», exclamativo, enorme, tal como um ecran a 3 dimensões por onde vogavam os seus escassos cinquenta e tal quilos de carne ossuda e engelhada.

E tudo, afinal, teve um epílogo, depois das tardes no «Marques», das «matinées» clássicas do Tivoli, do ar fresco e poético da esplanada de Algés — e o epílogo é fácil de adivinhar: casaram numa manhã pardacenta e triste, como se a própria Natureza quisesse despedir-se do Saramago, e foram felizes, como nos contos de fadas das mil e uma noites.

A D. Filomena Saramago, depois de rodar, vários quilómetros,

FOLGUEDOS POPULARES

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

TOS POPULARES renovando as tradições e o calor desses entusiasmos para que na madrugada do dia de S. Pedro pares que voltariam, que cantaram ao desafio e que alegraram a nossa terra, a percorram ainda com mais afã na caminhada da CANA VERDE desde as nossas Hortas às ruas da nossa Vila!

Ainda estamos a tempo e que as entidades responsáveis do nosso folclore da nossa cultura e do nosso sentir facilitem e ajudem a reviver o passado que nos animava nos dois últimos dias.

Vamos de braço sem parar e então o mundo novo, a Rua da Espanha e até por último o bairro novo se engrinaldarão, se iluminarão enchendo de vida e de fulgor o nosso pacato burgo.

Aqui fica o alvitre que ele nos dê a satisfação que este simples éco não foi em vão e que para o ano o caso seja antecipadamente pensado.

CARTA DE LISBOA

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

constituem o contingente britânico do «Tattoo» suscitou, apenas, um único problema realmente grave: — o problema do chá. Como poderiam estes quinhentos britânicos realizar um bom «Tattoo», um autêntico «Tattoo», se não tomassem, quotidiana e pontualmente, o seu «five o'clock tea»? E para resolver este problema só houve uma gentilíssima e patriótica solução, a dada por um grupo de senhoras da colónia inglesa em Lisboa, que se ofereceu para servir aos militares seus compatriotas, todos os dias, à mesma hora, um chá perfeitamente britânico, tão britânico como o Big-Ben ou o próprio «Tattoo».

Pode agora perguntar-se como resulta a combinação anglo-lusa neste espectáculo «made in England» o como reage o público português perante as duas metades do todo «Tattoo». Pois resulta muito bem, à perfeita imagem e semelhança do velho Tratado de Windsor que em certo dia de 1373 os Reis dos dois países assinaram. É evidente que o público se entusiasma, em especial, com o «carrocel» de cavalaria da Guarda Nacional Republicana, do qual o insueto brigadeiro MacLean diz «não ter visto em sua vida nada de melhor»; mas é também evidente que a reconstituição no Estádio do Restelo do «render da guarda real», número obrigatório do roteiro turístico de Londres, arranca do público lisboeta aplausos de cuja sinceridade ninguém pode duvidar.

Posto assim entre dois fogos — o baírrismo e a surpresa — o público compreende que o mérito do esplêndido espectáculo a que assiste não está nos quinhentos portugueses nem nos quinhentos britânicos. Está no conjunto. Está no «Tattoo». E no fim as palmas, que vão para todos, vão, sobretudo, para o «Tattoo» e para o que ele representa, como símbolo da mais antiga aliança que hoje se conhece no mundo.

António Maria Zorro

tornara-se ainda mais gorda, mais obessa, embirrenta e para mal dos pecados do nosso Alfredo, ciumenta.

Mal o ditoso esposo safa do escritório, tinha que ir direito para casa, senão, lá gritava e barafustava a D. Filomena; agarrava-o, sacudia-o, cheirava-o, e gritava-lhe: «Onde estiveste? Por que não vestes logo para casa? Cheiras a perfume, Alfredo!»

E ele, abatido, limpando as lentes, olhando as biqueiras dos sapatos, aturdido, respondia-lhe: «Ah, sim? Minha pombinha, não estas assim.»

Bem sabes quanto te sou fiel! E, podem acreditar, o Alfredo era, de facto fiel; não olhava, sequer para outra mulher e mesmo, elas, nem o olhavam; não gastava um tostão mal gasto, nem frequentava um «café», Saia, sim, somente com a sua Filomena, mas aqueles ciúmes, ah! irritavam-no! Enfim, tinha que ter paciência, mas um dia... bom, escutemos.

Um dia, preparam uma partida ao Saramago: os colegas de escritório saíram, acompanharam-no por momentos, e quiseram que ele os acompanhasse ao «café». Ele recusou-se, barafustou; arrastaram-no, e sentaram no à mesa. E aqui começou o sofrimento do Alfredo: as horas passavam, as conversas avolumaram-se, e o relógio não parava nem um segundo: avançavam os ponteiros, risinhos, cumprimentos, vingativos. E, quando pelas 10 horas da noite o deixaram, o arquivista deixou-lhe cair no casaco uma gota de perfume...

Deixei, agora, o nosso Saramago. É verdade. Fui vê-lo ao Hospital de S. José, serviço 13, cama 13. Só lhe consegui ver a ponta do nariz, coitado! A D. Filomena não quis saber de explicações: fechou a porta, agarrou no rolo da carne e malhou no Alfredo até mais não! Ao segundo assalto, o Saramago conseguiu ainda exclamar um «Ah, sim?» mas ao terceiro, coitado, já não conseguiu levantar do chão, o segundo andar dos seus cinquenta e tal quilos. Foi uma desgraça: os vizinhos aplaudiram o combate e, por fim, o Alfredo recolheu ao hospital.

Disse-me o Saramago, sepultado no meio das ligaduras e quase num murmúrio que, apesar de tudo, ainda pensava na sua Filomena!

Como é diferente, senhores, o amor em Portugal!

É o autêntico adágio popular do quanto mais me bates...

Emílio Valongo

tua de Ramalho, de corpo inteiro, irradiava vigor, mocidade e simpatia. Não se confundia com outra. O Eça e outros também lá estão, com mais ou menos arte, conforme a inspiração do artista. Costa Mota, Leopoldo de Almeida e mais dois ou três dão boa conta do seu nome. Não tomei apontamentos, visto não pretender realizar uma crítica.

Esse trabalho, cantiloso e sereno, pertence aos profissionais. Eu não quero passar de um obscuro admirador. Entro no Museu, onde o talento de Malhoa anima tantas salas. Tudo exposto com arte e subtilidade.

Passa por nós um homem que nos olha com certo interesse. Alguém ao pé de mim, baixo: «António Montês, director do Museu e filho das Caldas». Olho aquela figura insinuante, que dois dias antes o justiceiro Ministro da Educação galardoou com uma condecoração. Ainda bem que temos um titular na pasta da Educação que sabe reconhecer o mérito de cada um! A maioria só apreciava o Vatel que a servia...

Percorro diferentes salas e reconheço velhos amigos que admirei: Conceição Silva e Roque Gameiro. Descubro Eduardo Malta no seu auto-retrato, fiel, expressivo, sereno.

Na mesma sala, a dois passos de distância, madame E. Malta posou para o marido com soberano encantamento.

Este Museu, no Verão, deve atrair imensos visitantes a este templo de Arte.

Escrevemos o nosso nome no Livro de Honra onde o português José Malhoa continuará a viver o sonho imortal da sua paixão artística.

Saimos para outro Museu ali próximo.

Neste paíra o nome de Rafael Bordado Pinheiro a encher de luz, graça e originalidade aquele ambiente.

Não tem a amplitude do templo de Malhoa, porém supra essa lacuna com o génio que Rafael espalhou prodigamente em tantos brinquedos e utilidades de cerâmica nacional, sem falar na sua galeria de caricaturas famosas.

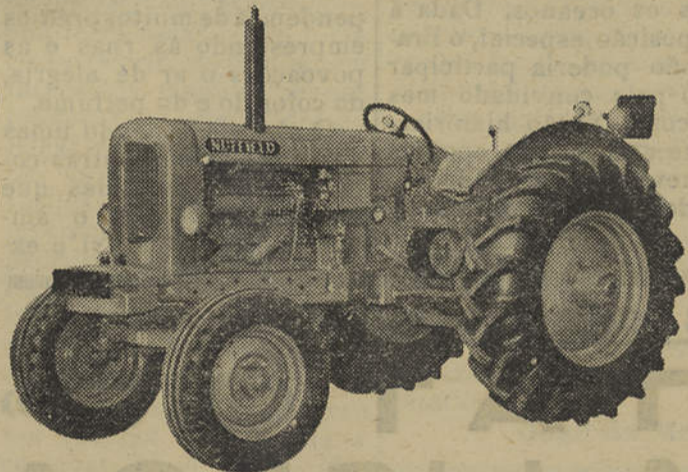
Vi três exposições diferentes e assim me correu esse domingo de Maio, sem sol nem toiros. As cavacas das Caldas, minhas velhas amigas, tornei a comê-las em minha casa no dia seguinte...

Marcos Algarve

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio

«NUFFIELD-UNIVERSAL»

O MAIS MODERNO
E COMPLETO
TRACTOR
DE RODAS



CARACTERISTICAS PRINCIPAIS

Tractor «NUFFIELD-UNIVERSAL» modelo «DM-4»

Motor «BMC» Diesel tipo «OEA/2» de 53 HP, 4 cilindros, desenvolvendo 52 HP no tambor de acionamento e 47,7 HP na barra de tracção.

Caixa de 6 velocidades:

5 para a frente e 1 para a rectaguarda.

Travão de mão para estacionamento.

Travões de pé independentes.

Arranque e instalação eléctrica { máximos médios mínimos

incluindo farol de lavoura e buzina.

Pneus: 7,50x18 com 6 telas à frente e 14x30 com 6 telas à rectaguarda.

Eixo das rodas da frente ajustável.

Rodas de trás ajustáveis.

Tambor de acionamento montado à esquerda, com embraiagem e conversão para a correia trabalhar para a rectaguarda.

Sistema hidráulico de 3 pontos de apoio para alfaías e básculas montadas, Cortina de radiador e termómetro.

Barra de tracção ajustável.

Conta horas.

Tomada de força.

Ferramentas e caixa para as mesmas.

Almofada.

Peso exterior montado à frente.

Manivela.

Espelho retrovisor e reflectores.

Peso do Tractor 3.080 quilos.

Peso bruto rebocável autorizado 5.625 quilos.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

H. VAULTIER & C.ª

Rua Conselheiro Bivar, 9 — FARO

TELEFONE 239

O ALGARVE E OS SEUS SÍMBOLOS TURÍSTICOS AINDA POR CONJUGAR

É O ALGARVE uma das primeiras províncias onde o turismo moderno ainda não chegou e também a província com mais fortes razões para que nela se instale o fenómeno do turismo

FRANCISCO GOTA

como receita primordial para a boa economia e defesa de si própria. Uma província como o Algarve não pode de forma alguma ser esquecida, pois nela existe tudo que é preciso para elaborar um plano profundo sobre matéria turística, sobre o relicário que é o extremo sul do nosso país. Como o Algarve pode haver bem poucas províncias, onde nada falta desde o azul diferente do seu céu e das suas tépidas águas que são bem o curioso e inéxito apontamento para umas férias bem passadas ao sol dum verdadeiro brilho por entre serras, hortezos, que são toda a paisagem desde que se entra no Algarve por S. Brás de Alportel. É na verdade uma província cheia de encantos verdejantes. Curiosa desde de Vila Real de Santo António até Sagres. Alheia a paisagens diferentes, pois o Algarve tem a sua, uma aguarela tão bem pintada por todos os seus grandes poetas. E disso não se duvida, embora até lá não tenha chegado ainda uma explicação do seu pobre turismo. Muito se tem dito e pouco se tem feito para a digna indústria que nos merece um carinho especial até porque somos dados a uma gentileza no sempre receber de braços abertos o visitante mais ilustre ou menos ilustre. Somos realmente um país de turismo...

Então preciso conjugar os símbolos existentes que a província tem. Conjugá-los como património do turismo, dando-lhe oportunidades para a criação da indústria horteleira, movimentando ao mesmo tempo em excelente propaganda, no interior e fora do nosso país, a pontos de se comparar a província algarvia como uma estância turística como o é o Estoril e sem esse valor que tanto se fala, mas que é bem relativo. A condição do Estoril é diferente, a proximidade da capital conquista-nos mas não há símbolos tão expressos pela natureza como os há em todo o recorte algarvio, como os há no interior da província. Há terras que Deus tratou com mais cuidado, cultivando nelas o que havia de mais belo, original, de mais agrado portanto.

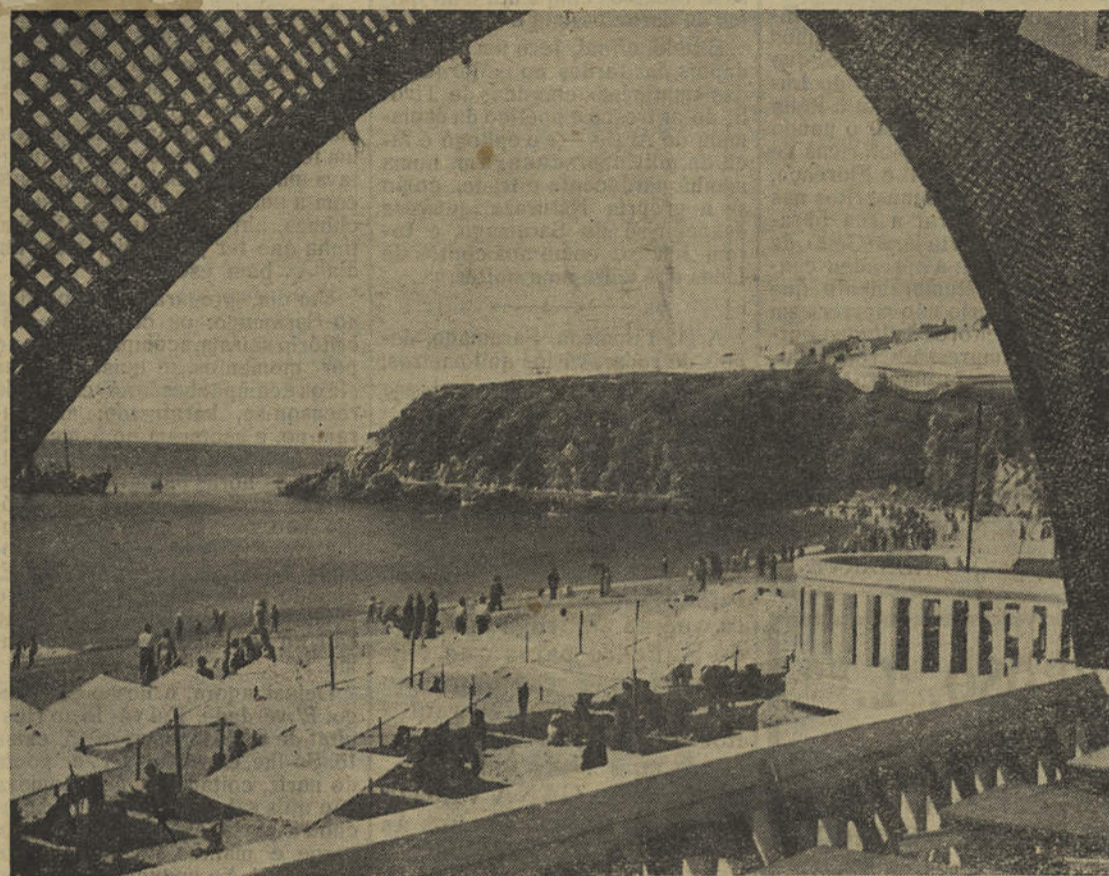
Só um plano de acção turística, atento e estudado por competentes homens de turismo, pode real-

mente salientar o que está esquecido, como por exemplo o Casino de Monte Gordo, Caldas de Monchique e tantos outros «símbolos» que andam arredo anos sobre anos. Chamo símbolos a tudo que tenha utilidade e que mereça uma especial atenção. Mas temos mais utilidade, mais peças do turismo Algarvio e sem cuida-

do nenhum, puramente entregues ao vendaval. E repara-se que vi muitas, mas sempre belas mesmo que descuidadas!

Exemplos duma recordação. O Hotel Guadiana de Vila Real de Santa António ao abandono, é pena porque a ele se disfrutava a mais

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)



PRAIA DE ALBUFEIRA

O BRASIL ASSOCIA-SE ÀS COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

O GOVERNO Português deu conhecimento ao Governo Brasileiro da sua intenção de enviar ao Rio de Janeiro proximamente uma missão extraordinária chefiada pelo Professor Doutor José Caetano da Mata, Presidente da Comissão Central das Comemorações

Henriquinas e antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros, a fim de transmitir pessoalmente ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, em nome do Chefe do Estado, do Governo e da Nação Portuguesa, um convite para vir a Portugal assistir aos actos culminantes das comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, que devem realizar-se em Junho ou Julho do próximo ano.

Com motivo naquelas comemorações reunir-se-ão em Portugal numerosas de-

leções oficiais científicas e diplomáticas estrangeiras que com a colaboração das Marinhas de todos os países amigos tomarão parte nas grandiosas homenagens à memória daquele por cujo esforço a civilização greco-latina e cristã foi levada a todos os oceanos. Dada a sua posição especial, o Brasil não poderia participar como país convidado mas sim como Nação historicamente associada à epopeia que teve origem nos feitos, estudos e vida do Infante.

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

CARTA DE LISBOA

UM «TATTOO» EM LISBOA

conforme o anunciado na carta. Pela primeira vez na vida ele, Alberto Saramago, sentia a ansiedade crescer, avolumar-se, ser total no seu coração a transbordar de felicidade; nem o fim do mês, com os seus habituais mil e quinhentos escudos, lhe causava tanta ansiedade nem a bicha do cinema, dos «carros-eléctricos» podia comparar-se àquela. E súbito — ô Céus, — lá vinha ela, vaporosa, gorducha, quarentona, a sorrir para ele espedado no passeio, com cara de parvo.

— Julgo que V. Ex.ª é a...
— Exactamente. Sou eu mesmo. E o senhor é...
— Exactamente. Sou eu mesmo. Estavam feitas as apresentações. Ela, mostruária rolante de drogas sólidas, com oitenta e tal quilos de carne limpa, sem osso, solteirona à espera de vaga no concurso «Ou Sim ou Não», alegre, expansiva, risonha, e deixando, em todas as conversas, um «ah!» suspenso, a baloiçar na varanda das exposições dos artigos salien-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

VENDE-SE

Com a chave na mão, uma casa na Rua João de Deus n.º 29 e Rua Marechal Carmona, com 6 boas divisões e quintal.

Quem pretender dirija-se a: **Esperança Cruz**
Rua Marques da Silva - 46 - 2.º Dt. LISBOA

TELEFONE 58614



CIÚME & C.ª

O ALBERTO Saramago, poisou o jornal sobre a mesa. Tirou e limpou as lentes embaciadas. Aquele anúncio dava-lhe volta ao miolo: «Senhora, meia idade, casa posta, vive de rendimentos, gostaria de conhecer senhor idênticas condições... «Que diabo, ele, Alberto Saramago, não era estúpido nenhum; lá rendimentos, claro, isso é que era o diabo, mas, enfim, os mil e quinhentos escudos e mais uns cobres atirados para o fundo do Montepio, não era, podia-se afirmar, dispartar nenhum responder ao anúncio.

Igualmente ela solicitava um homem educado, ... E o nosso Saramago olhou de soslaio o espelho do «café», mirou-se e analisou-se: simpático, bom, a beleza, tal como a lotaria, nunca lhe batera à porta, mas educado lá, isso era um primor.

Aconteceu, senhores, o inevitável; a resposta dele e a resposta dela. Que sim, estava disposta a encontrar-se com ele e a combinar mais detalhadamente a futuro feliz que os aguardava. O amor tinha chegado. A seta do diabinho angelical tinha perturbado o coração do Saramago — e naquela manhã não foi trabalhar. Avisou o chefe de escritório que estava doente; constipado. E pelas 10 horas matinais, envergando o fato domingueiro, barbeado e bem cheiroso, o nosso Alberto lá estava de quarto de sentinela, esperando pela senhora de «vestido azul escuro e chapéu com laçarotes»,

ATRAVÉS DO PASSADO FIGURAS AMIGAS

DECORRERAM já 70 anos que vi Ramalho Ortigão em Portimão, ao tempo uma vilória acahanada e falha de horizontes.

Vi Ramalho entrar no escritório do meu vizinho e amigo Dr. Joaquim Pargana Neves, advogado e conservador do Registo Predial.

Embora muito novo ainda, borbulhava no meu espírito esta curiosidade precoce que nasce em

criaturas fadadas para o estudo.

Nunca mais avistei esse desempenado homem de letras nascido, por mero acaso no Porto, mas filho legítimo de algarvios.

Em 15 deste Maio de 1959, envolvido em temperaturas baixas, alguém da minha estima me disse que nesse dia, nas Caldas da Rainha, um novo monumento ao prosador vernáculo das «Farpas» e da «Holanda» ia ser inaugurado. Contive-me e lamentei já pouco sair de casa. Os acaques, lenta-

MARCOS ALGARVE

mente, vão-me minando o coração, os músculos, a vista e a paciência...

No outro dia, a mesma pessoa amiga voltou a falar-me em Ramalho Ortigão e convidou-me para um passeio às Caldas. Aceitei o convite.

Por volta das 10 horas da manhã tomámos o comboio para as Caldas da Rainha. Dia sem sol, pardacento e fresco. O percurso é pitoresco, com hortezos viçosos, casas caiadas e estações floridas. O pessoal da C. P. delicado e impecável, difere bastante do pessoal das linhas espanholas.

A viagem tornou-se agradável — com ditos algres e a perspectiva de um bom almoço, sem esquecer as deliciosas cavacas...

As 13 horas chegámos à cidade de D. Leonor.

Na extensa alameda continua o antigo mercado, animado, colorido e palrador, mas neste dia falho de raios solares, a eterna umbrela de fogo celeste.

Vamos ao restaurante Garrido almoçar. Não faltam comensais. Um almoço simples: sopa de hortaliça, bife de vitela e fruta. Pagamos e vamos ao nosso fite: «Museu Provincial José Malhoa».

Poucos visitantes, por enquanto. A primeira exposição é de escultura, no Parque D. Leonor, sob leve cúpula de folhagem. A está-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

O PROBLEMA DA ALFARROBA ALGARVIA

Como é do conhecimento público, através das informações sobre o assunto, saídas na imprensa, uma grande comissão de proprietários de alfarroba algarvia dirigiu à Federação dos Grémios da Lavoura da província, por intermédio da Casa do Algarve em Lisboa, uma exposição em que se sugerem várias medidas tendentes ao desenvolvimento dos mercados do referido produto e à defesa dos interesses do produtor.

A Comissão de Coordenação Económica do Ministério da Economia, organismo superior a que pela referida Federação foi submetido o assunto, acaba de transmitir à Direcção da Casa do Algarve, para conhecimento dos interessados, uma cópia da sua resposta àquela Federação, em que se salienta o «aspecto sereno e construtivo da exposição» e se considera que a mesma «merece, efectivamente, cuidada reflexão».

a) «Nela a produção reconhece como a indústria valorizou a grã-finha, como o pode valorizar mais ainda, e como a partir de certa altura — que se não indica mas parece coincidir com a instalação da indústria —, as relações entre a produção e o comércio se agravaram no sentido de desfavorecer a primeira destas últimas actividades».

«Partindo dessas conclusões, que parecem não merecer contestação, acentua-se ainda — aqueles proprietários sugerem a organização dos produtores por forma a defenderem-se daqueles de quem dependem comercialmente».

E essa organização merece-nos a maior simpatia, pois equivale a um desejo de actuação da própria actividade no sentido da defesa e valorização dos próprios produtos e corresponde a um meio de que a produção poderá usar para atingir esse fim e sem que haja de esperar por soluções que exijam a concordância de outras actividades com interesses nem sempre perfeitamente concordantes com os seus».

FOLGUELOS POPULARES

EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EM breve os Santos populares tão chegados à vida portuguesa ressaltam a nossos olhos.

Os festões e as grinaldas pendem já de muitos prédios emprestando às ruas e às povoações o ar de alegria, do colorido e do perfume.

O alecrim ardendo umas vezes com alma, outras com o fumo de vidas que passam, perfumam o ambiente criando por si o ex-

tasiamento da música e dos cantares a desafio.

Muitos foram os MASTROS da nossa Vila; muito se dançou-se pulou e quantos corações nos enleios das voltas e reviravoltas receberam a seta do Cupido (desse traíçoero que não perdoa).

E as modinhas novas ajudavam a viver os estabelecimentos de bebidas ou comidas que tomavam a peito a organização desses folguedos.

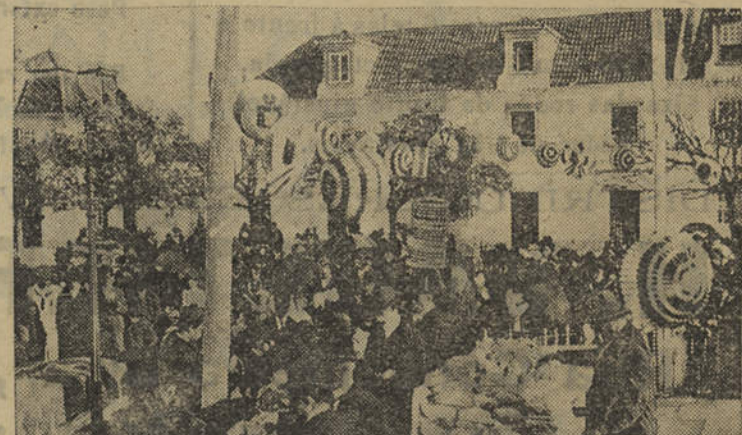
Cedo e bem cedo era a preocupação de conseguir vara bem alta; depois a urge o alecrim e a retama;

A charola com o seu barco à vela ou o catavento ao qual nem faltava o galo com as fitas tortuosas de papel em que franjeado colorido baloiçava nas aragens doces dessas noites inteiras de folia!

Passaram-se anos, modificou-se a vida e hoje só nos compassos dos ritmos de jazz se podia sentir um pouco da vibração popular portuguesa destes dias de alegria.

Porque não tornar-mos a sentir na nossa terra esse culto ardoroso dos SAN-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)



A Praça Marquês de Pombal num dia festivo, no ano de 1906

ARAUTO

SUPLEMENTO LITERÁRIO

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

COORDENAÇÃO
DE
FRANCISCO COTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9
TELEFONE 59 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

QUANDO OS POETAS MORREM...

MORREU António Boto. Todos o sabem dos jornais. Morreu um grande poeta português, talvez o maior. Agora, só uma leve respiração nos resta como dedicação a toda a sua obra, válida tão cheia de ternura — fonte inesgotável do poeta português.

García Lorca disse o «António Boto cantava como ninguém».

É bem verdade que António Boto dá uma sensação especial em toda a sua obra, uma sensação harmoniosa, diferente das mais e da qual só se colhem boas coisas para alimentos do nosso espírito. Era uma alma limpa, cheia de boa vontade. Era um poeta.

Morreu deixando uma obra bela e como exemplo temos o que o poeta cantou:

No silêncio de um jardim
Noivaram de madrugada
Um lírio cor de marfim
Com uma rosa encarnada.

No orvalho que desceu
Noiva e noivo se vestiram,
— Tu és minha, eu sou teu
Depois num beijo se uniram.

Mas uma triste florinha
Do lírio se enamorou
— Foi a violeta rouxinha
Que sempre triste ficou.

E nessa história de amor
Eterna pela verdade
Nasceu a eterna dor
Da verdadeira saudade.

Foi triste a notícia de que António Boto tinha morrido como triste foi a sua retirada de Portugal, em Agosto de 1947. Para o Brasil partiu numa noite serena de Agosto e lá morreu ou nessa grande noite morreu.

F. G.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

GRANDES FIGURAS DA NOSSA LITERATURA

POST-SCRIPTUM

Quando eu morrer, abram-me o peito,
E desta jaula, onde houve um leão,
Tirem, o cárcere era estreito,
Meu velho e altivo coração.

Depois sem dó e sem respeito,
Sem um murmúrio de oração,
Lancem-no assim, vai satisfeito,
A' vala obscura, à podridão.

Para que durma e se desfaça
No lago amargo da Desgraça,
Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha
Estoura no fim de uma batalha,
Rouco, furioso, ansioso, ardente.

MANUEL DO NASCIMENTO UM GRANDE ESCRITOR DO ALGARVE

— UM DOS MAIS ALTOS REPRESENTANTES DO NEO-REALISMO PORTUGUÊS

MANUEL do Nascimento nasce em Monchique, no Algarve, em 27 de Dezembro de 1912. Aos nove anos está em Lisboa, onde frequenta a Escola Académica até aos dezasseis, seguindo depois para o Instituto, donde, aos 22 anos, após uma vida des preocupada de estudante, sai especializado em «Química Industrial». É então que vai exercer profissionalmente para uma mina, em Trás-os-Montes. Devido ao trabalho intenso, ressentido-se e sofre a reacção da primo-infecção, o que o retém um ano em convalescência em Monchique. Após umas tentativas poéticas, ensaia as primeiras linhas de prosa, nas quais relata a sua própria experiência da vida. E aparecem os seus romances «*Eu queria viver*» e «*Mineiros*», saudados com entusiasmo pela crítica, em especial por Adolfo Casais Monteiro, que o considerou um dos escritores mais dotados para a expressão de um estilo neo-realista.

Todos os livros de Manuel do Nascimento ele os escreveu em Monchique, sua terra natal, o que é curioso referir, dado que, em intervalos mais ou menos longos, tem estado fora do Algarve, em Trás-os-Montes, na Beira, no Porto, em Lisboa, exercendo a sua profissão como técnico especializado, fazendo jornalismo, por exemplo, em «O Primeiro de Janeiro», dando colaboração a várias casas editoras.

De óculos escuros, camisas escuras, um bigode a carregar-lhe o rosto, Manuel do Nascimento, ao contrário da maior parte dos seus conterrâneos, não fala muito. Fala a espaços, e pouco. Confessa que gosta mais de ver e de ouvir. Sabe conversar, porém: tem

mesmo um dito, uma anedota, sempre, a propósito de qualquer coisa. Uma leve ironia traíndo certo cepticismo. Uma bondade patente e demonstrada a cada hora. Um sonho da Justiça, sonho de Justiça que lhe é, em muito, um primeiro móbil a fazê-lo escrever, que o agita, que o faz sair, por vezes do seu querido silêncio, da sua atitude de ouvinte atento à vida e à sua música interior.

Romancista por vocação, é o romance o meio natural de expressão da experiência de Manuel do Nascimento, experiência riquíssima, aliás, que reclama obra de fôlego. Os seus romances «*Eu queria viver*», «*Mineiros*», «*Agónia*» (esta traduzido em catalão e editado pela «Alberty» de Barcelona), «*O aço mudou de tempera*», — são bem a demonstração das suas qualidades de narrador e de romancista. Mas seria imperdoável não se dizer que, além de romancista, Manuel do Nascimento tem dado à «história curta» uma contribuição importante; e hoje em vista o seu livro «*O último espectáculo*». Neste livro, cujos contos fogem ao conto tradicional e tocam o «récit» — aliás mais de encontro a uma expressão narrativa do nosso tempo, — «*Nada de importância*» é algo de imprescindível leitura para quem queira ter uma ideia do que há de válido na moderna literatura portuguesa. É algo de notável, também, como «récit», em qualquer literatura.

José de Melo

ABGAR RENAULT GRANDE POETA BRASILEIRO

QUE PORTUGAL DESCONHECE

NEM todos os grandes poetas brasileiros encontraram em Portugal o auditorio que merecem. A excepção de Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Ribeiro Couto e Carlos Drummond de Andrade, os grandes nomes do modernismo brasileiro são desconhecidos entre nós, e a antologia de José Osório de Oliveira sofre a influência do mesmo lugar-comum e omite escandalosamente Cassiano Ricardo, Abgar Renault, Domingos Carvalho da Silva, Dante Milano e tantos outros poetas de primeira ordem.

Há uns anos Carlos Drummond de Andrade indicou-me uma lista de poetas «de categoria» (segundo a sua própria expressão) para a

minha Antologia da Poesia Brasileira. Nessa lista figurava — e não podia deixar de figurar — o nome de

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

NOTA DA REDACÇÃO

Informamos os nossos estimados colaboradores e assinantes de que todos os assuntos relativos ao nosso suplemento literário «Arauto», devem ser tratados directamente com o seu orientador, nosso amigo, sr. Francisco Cota, Rua Dona Maria I, 7-3.º Esq.º, em Queluz.



«RETRATO» — (Óleo de Eduardo Marta)

PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO

COLECÇÕES DE LIVROS INFANTIS

A LITERATURA infantil, entre nós, continua, infelizmente, ao sabor do «pouco mais ou menos». Não nos referimos já aos livros esporádicos que surgem, aqui ou acolá, lançados pelo próprio autor ou por qualquer editora como experiência isolada: o possível malefício de tais erupções é consideravelmente neutralizado pelo facto mesmo da sua singularidade.

Pretendemos, antes, considerar o caso muito mais grave — porque premeditado e com foros de definitivo — das colecções mal orientadas de livros para crianças (e tantas são elas, no nosso mercado!).

O lançamento de uma colecção de livros pressupõe a existência de pessoa ou pessoas com capacidade para girar um plano de conjunto — além dos meios necessários para o reali-

zar (que, não sendo de ordem secundária, nem por isso podem colocar-se em primeiro lugar...) — e a vontade firme de evitar desvios à linha de conduta traçada — que foi, por definição, previamente amadurecida. E o plano tem de ser integral, deve abranger todos os aspectos da realidade a que diz respeito.

Agora, particularizemos. A colecção infantil há-de, imperiosamente, partir de alguém com seguras ideias sobre Pedagogia, que considerou atentamente a problemática relativa aos textos e aos desenhos e, quanto a uns e outros, não só os aspectos intrínsecos como a sua materialização (papel a utilizar, tipos a escolher, cores a empregar, formato a adoptar, género de encadernação mais conveniente, etc., etc., etc.).

Acontece, porém, — e aqui é que queríamos chegar... — que, em Portugal não há, geralmente, problemas a pôr, nem testas a franzir, nem tempo para gastar em fecundas meditações, quando se trata de lançar uma colecção de li-

vros destinado às crianças

É preciso é que a «coisa» saia. Bem ou mal, não interessa; tem mas é de sair. Vai para as mãos dos homens de amanhã cheia de inconveniências... mas o que importa é que saiu — e quem irá agora preocupar-se com mais uma colecção (ainda quando dedicada a um público especialíssimo como esse)?... Os pequenos leitores (ou ouvintes)?... Esses não têm o sentido crítico que lhes permita distinguir o Bem do Mal e evitar este último... Os Pais e outras pessoas de Família? ...E quantos serão os que se batem por essa causa que, para eles, devia ser sagrada?... A Crítica?... Essa também não, habitualmente, por muito escandaloso que pareça o seu desinteresse; mas isso já é outra história... e bem triste, também, por sinal...

...E a história conta-se em poucas palavras: preconceito de escola; escassez das produções; incompetência dos apreciadores; compadrio. A atitude a

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

POEMA Á MARGEM DAQUILO EM QUE PENSO

de ferro minha comoção alada
de ferro como as vozes
másculas do eco
que foi ontem e será
de novo amanhã

de ferro minha comoção alada
meus pés de algodão fincados
na terra apodrecida pelos sorrisos
pré-concebidos.

de ferro minha comoção alada
meu estar concreto afogado
num mar revoltoso que apenas é
desejo do que não é.

GASIMIRO DE BRITO



GUERRA JUNQUEIRO

A exposição do mês

AMADEU DE SOUSA - CARDOSO

NO S. N. I.

«EM Portugal, no nosso século, dois gritos de Poesia se ouviram: Mário de Sá Carneiro e Amadeu de Sousa Cardoso. Poesia das letras e Poesia das cores. Grito do verso que é arte precoce, e grito das cores que é a arte não precoce. Os dois modos da Poesia actuando em protagonista é o autor, e não fixo. São palavras de Almada Negreiros a figurarem no catálogo da exposição de Sousa-Cardoso, agora aberta ao público no salão principal do S. N. I.

O poeta das cores (como o diz Almada Negreiros numa observação sobre a grande obra do pintor) dá nesta primeira exposição, a primeira da minha geração, o exemplo do modernismo, a influência séria e válida dum grande escola que muito tem para nos dizer. Amadeu de Sousa Cardoso penetra em nós, dá nos vida inspira-nos num alimento pouco conhecido na pintura portuguesa. É um pintor actual, embora a sua vida esteja já distante de nós, afastada do nosso convívio. O pintor morreu em Espinho a 25 de Outubro de 1918 com 30 anos de idade.

As suas obras agora expostas para os que o ignoravam em grande parte, isto sobre a volumosa obra de Sousa-Cardoso, foi um acontecimento dado ao género da pintura, ao autor que é um gigante ainda do nosso tempo. A pintura positiva, embora modernista, oferece-nos diversos estados de alma, cultiva-nos e fala-nos do grande pintor e do seu conhecimento com Modigliani, um amigo de Sousa Cardoso.

Um valioso certame de fonte portuguesa no qual o decorador Paulo Ferreira alcançou um êxito conseguindo o maior número das obras do pintor, tão dispersas e valiosas para figurarem entre os nossos melhores poetas e pintores.

F. G.

SOLDADURA

Máquinas de soldar «RESIL» de 150 e 180 A, 220/380 V. de sistema estático e regulação suave.

Rua de Páscoa, 58-LISBOA
Telefone: — 681729

PEGAR NOS PEQUENOS TEMAS

e inventar para eles a Grandeza das coisas simples

Uma pedra
uma árvore
uma flor

Dar à vida um significado justo
Caminhar para o futuro pleno de beleza interior
como se a vida fosse a foz de um rio

— Em cada margem uma aventura e reconhecer nela o HOMEM

Única e inteira dimensão em que me procuro e DESEJO!

ANTÓNIO MONGINHO

3 Irmãs Poetisas

Portugal é realmente um país de poetas. Vejamos o caso que se nos apresenta: 3 irmãs poetisas como melhor título para estes três poemas que são bem o testemunho de uma fonte por onde há poesia a correr, humanidade na sua expressão, e que limpa a sua água! Gisela, Maria Antonieta e Maria Eduarda são um caso a depor, por certo um caso raramente comparado.

ESPELHOS POEMA Três Punhaladas

Senhor...
Comprei uns sapatos novos...
Mas eles apertam-me nos pés...
São lindos, Senhor.
Mas apertam-me nos pés.
E eu que levei tantos dias a mealhar dos meus ganhos um pouco
E vendo que já tinha a conta fui e compreí estes sapatos...
...E eles apertam-me nos pés...

É isto que te quero rezar,
Tu compreendes.
Gisela Júdice Barbosa
(Lisboa)

Esses poemas Admirados,
Decorados Nada são.
Por muita beleza Que lhe encontrem Por muita verdade Que tenham.
Por muita Vida Contida Em cada estância Não são a Poesia!

A minha poesia É' uma flor De carne rosada. Um poema vivo De amor O meu filho!
Maria Antonieta Júdice Barbosa
(Queluz)

Com três bandeiras ao vento três estrelas encimadas e três punhados de gente, o paquete vem da Índia Traz alegria.
Traz tristeza. Alegria dos que se tornam a ver, Tristeza para os quem os viu partir e jamais voltaram.
O Chico da tia Rosa — um papej — o filho morreu...
Com três bandeiras ao vento três estrelas encimadas e três punhados de gente a comentar o triste caso. No coração da mãe Rosa três punhaladas certeiras.

Maria Eduarda Júdice Barbosa
(Beja)

ABGAR RENAULT

grande poeta brasileiro que Portugal desconhece

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

Abgar Renault. Trata-se evidentemente de um dos poetas mais pessoais e mais característicos do Brasil.

Abgar Renault nasceu em Barbacena (1908), estado de Minas Gerais, formou-se em Direito na Universidade de Belo Horizonte e tem desempenhado elevados cargos públicos e culturais: Director do Departamento do Interior e Justiça de Minas Gerais; Assistente do Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal; Professor de inglês do Colégio Pedro II e de Literatura inglesa da Universidade da Prefeitura do Distrito Federal; Director do Colégio Universitário (Universidade do Brasil); Director do Departamento Nacional de Educação e Cultura do Brasil, etc.. Actualmente é Secretário da Educação do Estado de Minas Gerais. Pertence ao Instituto Inter-Aliado de Alta Cultura, ao Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Stanford e preside à Sociedade Mineira de Cultura Inglesa. Visitou a Inglaterra, o Ca-

nadá e os Estados Unidos, onde fez numerosas conferências sobre a cultura brasileira. Em 1943 representou o Brasil no Congresso de Educação, no Panamá, e em 1945, no Congresso da Educação, em Londres. Traduziu três obras de Rabindranath Tagore e publicou, em 1942, os *Poemas Ingleses de Guerra*, com prefácio de Carlos Drummond de Andrade. Espalhados por jornais e revistas do Brasil, e infelizmente ainda não reunidos em livros, muitos dos seus poemas, artigos e discursos denotam as suas qualidades de grande poeta e culto escritor. A sua poesia aparece em antologias nacionais e estrangeiras. É pena a maioria da sua obra não ter sido publicada em volume, o que impede em grande parte, a sua natural expansão e a fama a que tem jus.

Poeta moderno dos melhores da língua portuguesa, Abgar Renault é um dos reabilitadores do soneto. Note-se, por exemplo, este soneto formalmente clássico e essencialmente moderno:

Sobre este rio...

Neste ápice das horas me procuro e não sei onde está minha presença.
(Acaso não serei ponte suspensa entre o vão do passado e o do futuro?)

Vapor de diferença e indiferença, de nenhum lado estou do triste muro com que convivem meu olhar maldito e a névoa sem degraus, que se condensa.

Em que desvão do tempo estou (ausente?) Inclino o pensamento circunflexo sobre este rio em que vegetam (mágoas, sem me encontrar na viagem da torrente: Sou transparência arqueada no ar (sem nexo, forma difusa na intenção das águas.

Muito rica, muitíssimo rica de substância animica,

de imagística e de beleza formal é a poesia de Abgar Renault. Pujante de lirismo e de significado filosófico, ela representa bem a nossa época de angústia universal. Para Abgar Renault a palavra tem de ser precisa, matemática, para expressar a poesia:

Preciso de uma palavra, uma só palavra rogo como quem pede uma esmola

Como será, quando vier, a palavra entre-pensada, necessária e suficiente para a minha construção de lápis, papel e vento?

A poesia de Abgar Renault não é fácil de ler e de compreender. É uma poesia que faz pensar. Por isso mesmo que é a poesia de um grande poeta.

J.

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

ce, que supera os de Balzac ou Dostoevski; queixam-se ao director do jornal, intrigam, ameaçam, exigem a demissão do crítico ou publicam folhetos a insultá-lo. Podemos testemunhar o que avançamos, com factos, nomes, datas e os comentários adequados.

Quem conhece uma obra melhor do que o seu autor? Quem sabe tudo acerca deste melhor do que ele próprio? Logo, é a pessoa mais indicada para informar o público do conteúdo do seu trabalho e das circunstâncias em que foi realizado. A regra geral não é essa, mas como «não há regra sem excepção», o autor de *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo* julga não descer da sua dignidade nem trair a sua missão de informador público ao noticiar o aparecimento da obra que escreveu. Não faz a sua crítica, pois o único e supremo juiz em tais feitos é o leitor. Pode, porém, sintetizar a génese e contexto da obra com conhecimento de causa.

O autor de *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo* não é um erudito historiador ou crítico de arte. É um jornalista que escreve crónicas e reportagens do seu tempo e do passado. Ao repórter só é exigível que refira com exactidão os factos do seu conhecimento. As ilações a tirar deles são com os leitores. Os repórteres são obrigados a escrever sem galanias de estilo, numa linguagem directa e quanto possível clara, para ser acessível à grande maioria do público que le, cultos e menos cultos. Os arrebiques literários, as palavras difíceis, rebuscadas, são para os homens de letras, que podem burlar, com todos os vágares, a sua prosa. A glória, e a tragédia, do jornalista é ter de escrever depressa, embora mal, pois «depressa e bem nunca o faz ninguém».

O livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo* começou a ser escrito há quinze anos. Publicado agora, não pode dizer-se que o tivesse sido muito depressa. Encomendado para uma pequena colecção de bolso, cresceu tanto com o decorrer do tempo que só uma grande casa editora poderia arcar com o

(Conclui na 3.ª página)

ANTÓNIO JOÃO BISPO

Estabelecimento de
MERCERIAS
LOUÇAS
VIDROS

Mercado 1.º de Maio, 38
Vila Real de Santo António



«RETRATO»
(Escultura de Diogo de Macedo)

NOVIDADE LITERÁRIA

«LEONARDO DA VINCI E O SEU TEMPO»

Uma biografia do mais portentoso génio renascentista

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo. O compadrio é a instituição, de todos conhecida que faz sejam esquecidos os reais valores em favor dos dois ou três nomes feitos (daqueles que, não obstante o seu mérito indiscutível, por hipótese, ou chegaram primeiro — «em terra de cego...» — ou por razões várias se

PORTUGÁLIA Editora, de Lisboa, acaba de publicar o livro *Leonardo da Vinci e o Seu Tempo*, volume de 350 páginas com vinte reproduções das obras do artista. É uma biografia do maior génio do Renascimento,

por JAIME BRASIL

que a situa na época em que viveu e comenta as suas principais criações ou tentativas criadoras. Trabalho de divulgação, analisa e condensa estudos biográficos anteriores. Contém muitas novidades para quem não os conhecer e alguns comentários inéditos. É obra que merece ser lida, pois a vida portentosa de Leonardo da Vinci é um acontecimento na história da Humanidade. Nenhum homem possuiu, jamais, tão prodigioso génio inventivo, nem deixou escrito um acervo de ideias e sugestões de tanta magnitude.

Pode parecer estranho que um autor noticie o aparecimento dum obra sua. Em geral, pedem a outros que o façam. A regra é enviarem o livro ao jornal e aguardarem a crítica. Ai do crítico, porém, se não disser que a obra, se é poema, é qualquer coisa no género de *Os Lusíadas*; se é roman-

Problemas de Educação

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

que alguns teimaram em chamar posição eu chamarei preconceito; o preconceito de escola pode assim traduzir-se: a Literatura Infantil é, do ponto de vista Literário, um género menor e, portanto, «de minimis non curat praetor». A escassez das produções infantis e a irregularidade do seu aparecimento contribuíram para o abandono a que os críticos as votaram — sem que bastem, contudo, para ganhar para estes a absolvição da falta. A incompetência dos julgadores em matéria de Pedagogia é uma das razões mais frequentes do seu mutismo



DESPORTO
FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão

LUSITANO, 1 — MONTEMOR, 1
O LUSITANO
DE NOVO NA II DIVISÃO

Viveram-se no passado domingo, um grande dia de futebol, cheio de entusiasmo e de emoção. Jogava o Lusitano a sua última cartada para voltar à segunda divisão. A derrota afastá-lo-ia, porque embora ficasse em igualdade de pontos com o União de Montemor, a diferença de golos era-lhe desfavorável, pelo que, pelo menos, teria de empatar.

Muitas horas antes de começar o encontro, já o movimento era desusado. De toda a parte do Algarve vinham assistir ao jogo que se adivinhava, seria disputado com energia e virilidade. Por isso não nos admiramos, quando ao transpormos os portões do Campo «Francisco Gomes Socorro», encontramos a maior assistência dos últimos anos, em jogos disputados em Vila Real. Inúmeras bandeiras do Lusitano tremulavam ao forte vento que se fazia sentir, seguradas por adeptos que não se cansavam de gritar o nome do seu clube. Conforme se aproximava o momento do árbitro dar começo ao jogo, maior ansiedade se lia no rosto de centenas, milhares de Lusitanistas que iriam sofrer os noventa minutos, que duraria o prélio.

Chega finalmente o momento das equipas entrarem em campo. Quando os briosos atletas rubros saíram do seu balneário, milhares de vozes se ergueram fortemente, dando-lhes a certeza que não estariam sós.

O encontro começou jogando o Lusitano com o vento pelas costas, instalando-se imediatamente no campo do Montemor. E o assédio era total às rédeas do adversário que só iria terminar no fim da primeira parte. O que foram esses 45 minutos quase ninguém sabe explicar. Uma coisa é certa; a sorte negou tenazmente ao Lusitano aquela vantagem a que tinha jus e que lhe traria tranquilidade para o resto do encontro. Com um entusiasmo enorme, contagiante, os jogadores do Lusitano procuravam o golo. Logo nos primeiros momentos a trave devolveu a bola quando grande parte da assistência gritava golo. Momentos depois foi as pernas de uma defesa que evitou a entrada da bola já sobre o risco da baliza. Daqui por diante foi a nunca mais acabar de momentos de sorte para o Montemor pois os remates sucediam-se de tal forma que pareciam impossível poderem continuar invioláveis as rédeas defendidas pelo guarda-montemorense, que diga-se de passagem estava a fazer exibição meritória a pesar da forma verdadeiramente milagrosa como algumas vezes conseguiu captar o esférico. Só a espaços o Montemor ensaiava alguns ataques, por vezes perigosos por inesperados. E o tempo ia passando continuando tudo na mesma, menos a ansiedade dos vilarealenses que aumentava. Não se diga que os avançados do Lusitano não mereciam terem marcado por jogarem atabalhoadamente, pois embora sentissem a responsabilidade do encontro, não se deixaram dominar pelos nervos, procurando até romper com inteligência, a forte muralha alentejana. A sorte é que não queria nada com o clube que tão generosamente se batia.

Para cumulo, quase no final da primeira parte e quando menos se esperava, numa das poucas avançadas do Montemor, aparentemente inofensiva, Rodrigues ao pretender apanhar uma bola rematada fracamente por um avançado contrário, deixa-a fugir das mãos, tardando tanto tempo a emendar que o extremo direito montemorense não teve dificuldades em empurrá-la para a baliza. Foi um autêntico balde de água fria. A desolação no campo foi total.

Um desespero enorme corria por a assistência. Em muitos olhos lágrimas rebeldes apareciam e no grande silêncio que se seguiu a este injusto golo, apenas se ouvia aqui e ali lamentações por tanto azar.

Recomeçado o encontro, os valerosos rapazes do Lusitano mostraram que ainda não estava tudo perdido, porque, embora jogando agora contra o vento, continuavam a ser donos do terreno fazendo perigar a baliza guardada pelos alentejanos, com sucessivos ataques que no entanto continuavam infrutíferos, para sofrimento dos torcedores lusitanistas que enrouqueciam de tanto gritarem. A defesa do Montemor, talvez surpreendida com tanta combatividade do adversário, deixava-se enleiar, começando a entrar um tanto rudemente. A uma carga fortíssima a Marco dentro da grande área seguindo-se outra a Ramirez. O árbi-

tro que estava actuando excelentemente, com verdadeira imparcialidade não exitou em mandar marcar grande penalidade quando Saura foi rasteirado. Momentos de grande emoção esse em que Padesca se preparava para marcar o castigo máximo. Foram verdadeiramente dramáticos os segundos que antecederam a partida de Padesca para a bola. Este, fiutando o guarda rédeas marca o golo do empate.

Um grito enorme de satisfação ouviu-se por todo o campo. Vibrou-se intensamente com a obtenção deste golo que iria dar ao Lusitano o direito de subir à divisão secundária. E os rapazes que tão galhardamente honravam a camisola que vestiam, duplicavam-se para que não houvesse possibilidades de serem novamente atraídos. Amparados pelos incitamentos dos milhares de pessoas que viviam esses momentos emotivos, foram extraordinariamente generosos na luta e de tal forma que nos derradeiros minutos da partida, os mais afilivados, eles estavam em todos os lados, defendendo como leões o resultado.

Quando o árbitro deu por terminado o encontro, foi o delírio. A multidão invadindo o campo levava os jogadores em triunfo, rasgando até a camisola de alguns para ficarem com uma recordação de tão memorável encontro.

Dentro e fora do rectângulo os adeptos abraçavam-se. Muitos choravam copiosamente mostrando bem quanto tinham sofrido e vibrado com o acontecido. Era verdadeiramente indescritível o presenciado. Mas o Lusitano está novamente na segunda divisão, e isto diz tudo.

Do Lusitano que mais poderemos dizer? Todos os seus jogadores fizeram o que humanamente era possível fazer para não perderem, este desafio que podia ter sido ganho na primeira parte com margem folgada e merecedora.

No entanto é justo destacar o extraordinário esforço de Padesca, de vontade indômita e de autêntica máquina nas pernas. Logo a seguir distinguiram-se Campos, Gonçalves e Mendes pelo acerto das suas exhibições.

O Montemor mostrou-se uma equipa aguerrida e com razoável padrão de jogo. Foi um bom e digno adversário do Lusitano sendo este o nosso melhor elogio.

A equipa de arbitragem encabeçada pelo sr. Calheiros, foi do melhor que temos visto. Basta dizer que não se impressionando com o entusiasmo verificado, teve sempre os jogadores nas mãos, cortando tudo quanto pudesse prejudicar disciplinamente o encontro, com imparcialidade digna de excelente nota. Muito lucraria o Futebol Nacional se houvessem muitas equipas de arbitragem que se lhes igualassem.

Os nossos parabéns à Direcção do Lusitano pelo seu trabalho e dedicação ao clube que em boa hora se propuseram dirigir. Felicitamos também o jogador-treinador Saura que, sem alardes, antes, modestamente soube ser aquele treinador que o Lusitano há muito necessitava. Impondo-se subtilmente para que, saneando a moral da equipa, conseguisse um revigoramento adequado ao seu trabalho, a ele se deve grande parte da ascensão do Lusitano à segunda divisão.

INTERESSANTE
REMUNERAÇÃO

Proporciona organização de categoria a pessoas idoneas com relações em meios sociais.

Grandes possibilidades de acção para Funcionários Particulares, Públicos, Bancários Municipais ou Corporativos, com algum tempo disponível.

Não se trata de publicidade.

Presta-se Assistência Técnica Eficiente.

Carta ao n.º 89 Rua Nova do Almada, 68

LISBOA

Patriotismo ou Indiferença?

(Conclusão da 1.ª página)

duvidas, uns recentes, outros remotos como a evocação do meu bom professor de literatura que exaltava a tença de 15.000 reis que o bom e desvaído D. Sebastião dera a Camões e que reduzidos à moeda actual faziam uns pobres 450\$000 mensais; apesar da inteligência nem sempre ser apreciada como tinha direito a sê-lo, apesar das mil e uma coisas observadas que negavam o culto dos portugueses pelas coisas portuguesas, eu continuava e continuo a manter que os esforços dos povos, o trabalho, a cultura são os factores que definem e asseguram a existência das nacionalidades.

Incrustados a esta faixa ocidental da Ibéria, só em períodos breves da história nos foi dado contactar com outros povos e gentes, receber as boas ou más influências sopradas aos quatros ventos e, daí, dessa limitação, resultar talvez essa sede de cosmopolitismo que inocula o sangue do português aventureiro e sequioso de bizarrarias. E digo de bizarraria, de extravagâncias, porque as elites condutoras que vão lá fora são demasiado sensíveis a certas ideias, a determinados propósitos, a certas manias, e refractárias a todos os factores que são propulsores do progresso e da civilização. Já ouvi dizer — para meu completo esclarecimento — a propósito dum indivíduo que andara por outros países largos anos e contactara com as mais variadas civilizações que a sua suprema virtude residia na sua imunidade a essas mesmas civilizações. Mas lá fora nem tudo é mau, e que me conste muitos desses países procuram resolver os seus problemas com os seus próprios recursos, o que nós chamamos «a prata da casa», e procuram sempre em todas as ocasiões exibir as suas glórias, exaltar os seus grandes homens, desfilar ante os nossos olhos os vultos das artes, das ciências, os seus heróis. Aqui, meus amigos, além de se fazer a conspiração do silêncio como ainda há pouco o poeta José Régio dizia acerca da escritora Irene Lisboa, começamos sobranceiramente por olvidar os nossos maiores e fazemos todos os esforços por os esquecer, os ignorar, os desprestigiar. Duma mesquinha de que nem sequer temos o pudor de a esconder, parece que tudo nos faz sombra, e passamos a vida a serrazinar uns contra os outros, e quando um homem se ergue pelo seu próprio valor, pela sua obra sem fazer barulho sem espesinhar o próximo como manda a doutrina cristã, nós muito pouco cristãmente abrimos as navalhas discretamente nos bolsos e preparamo-nos para a irresponsável carnificina ou, então, quando a coisa se torna impossível — optamos comodamente pelo silêncio, arrastamos a pesada lousa sobre o túmulo do nome que fere a nossa mediocridade e nos irrita. Tudo isto é feito duma maneira raciocinada, com uma serenidade e frieza digna de alguns personagens de Shakespeare. Nunca o aforismo «dos santos da porta não fazem milagres» foi tão ajustado aos nossos tempos.

Pois bem, esses dois filmes recentemente exibidos nos nossos cinemas, esse «A Luz vem do Alto», cuja acção se passa num torrão duma província portuguesa, o seu argumento é dum ignorado escritor norte-americano; e a «Rapsódia Portuguesa» que pretende dar-nos a vida e os folguedos do nosso povo; a música e o folclore é da responsabilidade dum tal sr. Galarza — fornecedor de música ligeira para as boites de Madrid, e que pouco ou nada conhece do folclore português.

Não resistimos em transcrever estas palavras da sr.ª D. Maria da Graça Amado da Cunha, extrahidas dum artigo publicado na GAZETA MUSICAL E DE TODAS AS ARTES, e que nos dão toda a mediocridade dos processos usados neste filme: *No chorilho de contrasensos, de monstruosidades e de bárbaros assassinatos que é toda a parte musical do filme, difícil seria fixar postos principais, ou mesmo dar-lhes uma ordem de importância. O que será, de facto, mais disparatado — o facto, que acompanha as fugazes imagens do Algarve florido de amendoeiras ou aquela espécie de coro dos cossacos do Don, com solista e tudo, pespegado nas águas do Minho? Os cómicos garganteados que uma qualquer vedeta da Rádio, muito mal disfarçada de vindimadeira, transplanta ali da Rua do Quelhas para as escarpas do Douro ou o quilométrico fado (?) das velas paradas no meio do Tejo, enquanto o condutor suspira lamechices a Lisboa? A deturpação rítmica da tão bela canção Ainda eu era pequenina (mascarada de vals;*

senhores!) ou a interminável sanfona das marchas lisboetas?»

Só nos resta perguntar: Não haverá por aí escritores, musicólogos, folcloristas, nascidos e criados em Portugal, que conheçam melhor os costumes portugueses, a vida portuguesa e a psicologia do povo português e que certamente se encontram mais bem preparados para interpretar a vida e arte do nosso país? Não seria elementar dever, já que o filme «Rapsódia Portuguesa» foi subsidiado pelo Secretariado Nacional da Informação, encarregar um dos nossos estudiosos do folclore nacional, oferecendo assim oportunidades aqueles que em largos anos se vêm dedicando a esses trabalhos sem outro empenho de desvendarem as riquezas do povo e engrandecerem a nossa cultura?

Claro que essas preferências pelos artistas estrangeiros conduzem sempre a esses lamentáveis malogros que toda a crítica responsável reconheceu nos dois filmes. As esperanças de criarmos no cinema algo de valioso mais uma vez se desvaneceram; gastou-se dinheiro ingloriamente, mais uma vez se perderam energias e vontades. É triste sina dos fados o portuguêsinho aparentemente cioso dos seus pergaminhos lusitados, exibindo uma filiação patriótica que nem sempre está de acordo com uma verdadeira consciência patriótica, desdenhar das nossas realidades e recursos e voltar os olhos para tudo o que lhe acenam de fora. Ora não existe, não pode existir ideia de patriotismo sem o suficiente conhecimento das realidades nacionais; não existe ideia de patriotismo quando ignoramos ou diminuímos as nossas próprias possibilidades, estejam essas possibilidades nas coisas ou nas energias dos homens, que nos rodeiam. A não ser que o patriotismo que alguns incansavelmente propalam seja apenas uma palavra fascinante, sonora, mas vazia de todo o sentido de responsabilidade, mero pretexto para esconder ambições pouco louváveis ou aleijões pouco recomendáveis.

Rodrigues Pena

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

FABRICA DE
BALANÇAS
“PAULO”

DE
MANUEL FERREIRA PINTO
CELEIRÓS - BRAGA

MEDALHA DE OURO
NA
Grande Exposição Industrial Portuguesa

LISBOA - 1932

AGENTE EM LISBOA
CARLOS FILIPE
TELEFONE 841062

MANUEL DA SILVA PENA & IRMÃO

MADÉIRAS-FERRAGENS-DROGAS-TINTAS

Agentes dos produtos DU-PONT

Fabricantes das afamadas tintas DUCO e DULUX

TELEFONE 147

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CAFÉ IMPÉRIO

CERVEJA A COPO

REFRIGERANTES

SALÃO DE BILHARES

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

No Bar ou na Esplanada...

Convide os seus amigos com

Simoranja

Que os deixará deliciosos pelo seu intenso aroma e sabor natural de Laranja. SIMORANJA o refrigerante das ELITES

É um produto SIMON



CARTA DE
CONDUÇÃO

COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

à lição e a contrato

Senhoras e cavalheiros. Amadores e Profissionais. Ligeiros e Pesados. Trata da 4.ª classe. Pagamento mensal e semanal. Funcionários do Estado e de outros organismos oficiais não necessitam de fiador.

Esta escola tem à disposição dos digníssimos Instruendos bons AUSTIN, TAUNUS, VOLKSWAGENS, SKODA e FARGO do último modelo.

SEDE E ESCOLA:

Alam. D. Afonso Henriques, 19-A r/c-Dto.

Telefone 46363 - LISBOA

Propriedade e direcção técnica de
Narciso Soares Figueiredo

José Maria Gomes & Irmão

Comprav e vendem:

Todas as qualidades de
sucata — Navios, Batelões

Fábricas para desmantelar, etc., etc.

Escritório e Armazém em edifício próprio

Rua Arco a Alcantara, 46

Telefones 666614-638191

LISBOA

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

romântica paisagem sobre o Rio do mesmo nome, Aiamonte, a pesca, a vila com quadra de lenda e história. Tavira, centro populoso de militares, com um rio poético mas sujo. O meu passeio turístico pelo Algarve, o último, foi em Outubro de 1958. Depois Faro e Olhão, cintilantes de vidro, de trabalho. Gente de mar, gente bondosa e parece que tudo em ordem mais ou menos. Tunes, um horror! A estação de Caminho de Ferro não tem beleza e logo por azar as combóios ali mesmo se têm que cruzar. Um entroncamento vicioso por onde passam milhares de turistas que como eu por certo não gostavam de ver o triste espectáculo que é a estação mal decorada, sem brio no pouco que se podia conseguir para uma melhor recordação, Portimão, terra da Praia da Rocha, mundialmente conhecida pede hotéis e vias amplas para uma grandiosidade termal, indispensável até para o fim em vista. Praia da Rocha! mar azul, espuma branca, serena, lutando contra as raízes fortes do gracioso Rochedo. Silves ao longe. Lendas de perto, algarvias diferentes, Lagos, a terra da baía-maior, luta também com falta de estabelecimentos hoteleiros dignos. Recordo que nesta terra fui encaminhado por um natural da mesma para um restaurante que mais deu uma taberna de moldes muito rudimentares. Parece aconselhável a construção de um grande hotel frente à baía de Lagos voltado para o oceano, no local onde se encontra o restaurante (?) Marisqueira. Depois. Sagres onde a pensão existente só satisfaz pelo fino trato do seu proprietário. Sagres

propriamente dito, necessitava de um grande reparo. Ajudar o que for possível para não ter o aspecto desértico que os nossos olhos alcançam e com que tristeza...

Vias de comunicação capazes de nos levar de Lagos a Sagres (mesmo até ao final do promontório, com passagem pela Fortaleza e depois, daí para o Cabo de S. Vicente. Dar também o trato digno a todo o promontório, limpando o lixo por ali existente. Volto a esclarecer que esta reportagem data de Outubro de 1958. Sagres é como todos o sabemos o mais belo símbolo do turismo algarvio, aquele que nos conquista desde os primeiros passos da nossa infância, pela leitura da nossa história, ligando o Infante numa estranha aventura que é a chama heróica da Lusitania.

E por todo o Algarve, com entrada pelo Alentejo, há motivos que devem ser alusivos por um turismo capaz de respeitar tradições dum Estoril, de Coimbra, do Porto, da Figueira da Foz, de Lisboa e do Funchal. Um turismo organizado que cante as mais belas fontes da grande província turística que é o Algarve. Esta é a manifestação sincera de quem a visita e dela se recorda como beleza mourisca numa antevisão de símbolos mal conjugados. Olhe-se por exemplo as chaminés algarvias que tanto nos dizem de lenda, de civilizações diferentes que nós portugueses continuamos a acariñar. E doutras terras não falei, pois a citada são suficientes para um nível turístico mais digno e proveitoso para o turismo nacional.

Assina e propaga "Noticias do Algarve"

O ANIVERSÁRIO DO "NOTÍCIAS DO ALGARVE"

(Conclusão da 1.ª página)

car—é esta a grande virtude dos meninos da sua classe.

Só quem entra na fornalha onde se forja um jornal, e um jornal pequeno de província desamparado de apoio e estímulos, é que sabe as canseiras que custa e os desgostos que causa a sua elaboração.

Os que estão de fora podem avaliar mas ficam sempre muito aquém da realidade.

Não nos tem faltado o favor público e esse sempre cada vez maior, e com isso nos temos consolado e retemperado.

Traçamos a propósito, e sem desfalecimentos o temos seguido de defender com convicção e entusiasmos os interesses da nossa região, onde nascemos e temos vivido, do nosso Algarve às vezes tão esquecido e sempre tão lindo e tão merecedor de que o defendam e acima de tudo, cúpula e remate de todo o edifício de Portugal, nome tão sagrado que pronunciar-lo é curvarmo-nos com veneração e que desejamos continue livre, respeitado e glorioso na sua História de tantos séculos.

Continuaremos sem tibiezas nem esmorecimentos na nossa rota e neste dia de alegria e orgulho saudamos os nossos amigos,—camaradas nestas lides, colaboradores, assinantes e, anunciantes, a todos irmandando no mesmo desejo de prosperidades.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Turismo no Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

clima ameno, monumentos, costumes pitorescos, praias, termas, comunicações, hotéis, parques de campismo, propaganda diversões atraentes, hospitalidade cativante, etc.

Quando a paisagem, clima, monumentos, pitoresco, praias, termas, espírito cordial de hospitalidade, diversões—de tudo isto está o Algarve bem servido, e com uns pequenos retoques de bom gosto, aqui e acolá, não se fará má figura.

Em matéria de comunicações, temos óptimas estradas e bons transportes desde Sagres a Vila Real de Santo António. A via ferroviária funciona regularmente, tem bons horários, e com mais uma afinação em carruagens e no arranjo de algumas estações, este sector ficaria bem. Também se anunciam futuras carreiras aéreas de Lisboa a Faro, e assim o Algarve ficará ligado, pelo ar, a todo o Mundo, sendo de desejar que a construção do aeroporto em Faro se transforme em realidade. Muito interessa que, neste capítulo de comunicações, o Estado acuda a algumas Câmaras Municipais que não têm recursos para manter as suas ruas nas devidas condições. É seria obra de grande importância turística a construção de uma estrada à beira do litoral algarvio desde Aljezur e Sagres até Vila Real de Santo António—via de deslumbrantes panoramas, que se ofereciam aos olhos curiosos dos turistas estrangeiros vindos da Europa através da Espanha.

No que respeita a hotéis, há muito que fazer, aproveitando e melhorando os que existem, estimulando e auxiliando novas construções nos lugares mais indicados, mas não de hotéis de luxo, pensando erradamente em turistas milionários e principescos que não abundam, e sim hotéis confortáveis, de muito aseo, boa comida e preços acessíveis, destinados aos turistas de média representação, que são os que mais procuram Portugal.

Vai ser construído uma excelente pousada em Sagres, que, juntamente com outros estabelecimentos congêneres que ali existem, deve bastar, nestes primeiros tempos, para os visitantes. Em Albufeira também vai

funcionar um novo hotel, de iniciativa particular; e consta que há quem pretenda construir um hotel na praia de Armação de Pera, logo que aqui sejam instalados serviços de abastecimento de água e de sanidade.

Mas são precisos mais hotéis, certamente na praia da Rocha; nas Caldas de Monchique, que podem vir a ser as melhores termas do Sul; e suponho que em Vila Real de Santo António, que deve ser dotada de muitos outros melhoramentos turísticos, dada a sua posição internacional.

Em Faro há bons hotéis e restaurantes; mas penso que a sua pitoresca ilha, que poderá vir a ser uma das mais típicas estâncias turísticas do País (se não surgir qualquer tração do Mar), merece um audacioso impulso, à moda americana, e não dispensa um moderno hotel.

Este problema hoteleiro, dos mais importantes para o desenvolvimento turístico do Algarve, carece, evidentemente, dum prévio estudo dos técnicos, até no seu aspecto económico, para se evitarem aventuras e desilusões.

Existem, ainda, outros problemas importantes, como sejam: valorização de monumentos e ruínas históricas; criação de parques de campismo; criação de diversões e atrações turísticas; aproveitamento do Monte de S. Miguel e da Barragem do Arade para excursões turísticas; ligação fluvial de Silves com a Praia da Rocha, o que permitiria um passeio encantador. E quantas coisas mais?...

Depois destas considerações, temos um aspecto fundamental. Como ordenar as linhas deste problema, que interessa a diversos Concelhos turísticos do Algarve, e onde colocar o comando que o impulse e dirija, em contacto com o poder central e harmonizando todos os interesses regionais legítimos, grandes ou pequenos?

A primeira vista, parece que tudo se simplificaria atribuindo às comissões concelhias de Turismo funções especiais, receitas e encargos, para resolverem o problema local, de harmonia, com o Secretariado Nacional (ou Concelho Nacional de Turismo) partindo do princípio de que cada um gosta de governar as suas coisas como melhor entende. Mas tal solução é demasiado

simplista, dispersiva, e nada prática, até porque há problemas turísticos de conjunto, da maior importância, que demandam capitais e técnicos que não estão à disposição daquelas comissões.

Penso então que poderia ser criado um organismo provincial—a Junta de Turismo do Algarve, constituída por delegados de todos os Municípios e outras entidades, assistida por técnicos, a qual teria atribuições de estudar os grandes problemas turísticos do Algarve e de lhes dar a solução. Este organismo, além das receitas que viesse a criar, também poderia contrair empréstimos, previamente autorizado, para conceder, mediante concurso público, a uma ou mais empresas, a exploração de algumas estâncias de Turismo, por determinado número de anos, obrigando-se essas empresas a realizar as obras e melhoramentos contratados.

A cargo das comissões concelhias ficariam pequenos problemas turísticos locais, entendendo-se que estas comissões funcionariam como delegados do organismo provincial.

A organização, funcionamento e regulamentos deste organismo, sua competência jurídica, e relações com a sua comissão executiva, comissões concelhias, empresas concessionárias, autoridades e outras entidades oficiais, devem ser objecto do estudo de uma comissão (Comissão Reorganizadora do Turismo no Algarve) em que estejam representadas as principais estâncias de Turismo, os Municípios mais importantes e outras entidades algarvias que conheçam o problema e sejam capazes de elaborar bases para projecto de lei.

Muitas outras sugestões, em pormenor, poderia fazer. Mas nestes rápidos apontamentos há matéria vasta para debate e estudo, com alguns pontos de partida que se me afiguram de aspecto prático para a solução do Problema Turístico no Algarve.

Juliano Quintinha

Jornalistas Amadores

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

para a nossa imprensa, e como certas folhas regionalistas, dedicadas ao soalheiro do pé da porta, que não valem a tinta em que são impressas, dada a pobreza de ideias arquivada semana a semana.

Olhando portanto o panorama regionalista na sua parte mais alevantada, somos forçosamente levados a verificar que o esforço amador edita muito jornal que, aparte o formato e o peso de papel, não recebe confronto com os grandes diários, no respeitante à elevação dos temas e ao interesse apresentado por estes à cultura nacional. Este verifica-se e compreende-se em grande parte: As grandes empresas jornalísticas, precisamente porque possuem uma conta de ganhos e perdas, obrigam-se às apetências do grande público, fornecendo-lhes a notícia à sensação que nem possui conteúdo cultural, nem exige grande soma de conhecimento àquele que a redige.

Deste facto resulta que o profissionalismo, não constitui precisamente um escol, como muita gente pensa, mas sim uma classe onde se recrutam elementos muitíssimos bons e elementos muitíssimos abaixo dos nossos melhores amadores, posto não os creio capazes de produzirem amadorismo tal como nós o entendemos.

O nosso amadorismo não abrange só a noticiinha, despida de imaginação, contando-nos sobriamente os factos acontecidos, ou a entrevistazinha onde o próximo tem o trabalho de pensar para o jornalista escrever. O amadorismo exige pensamento próprio, e pretende abraçar as artes e as ciências, pondo-as ao alcance das camadas populares para as quais o jornalismo regional trabalha.

A experiência do dia parece dizer-nos que o indivíduo todo dedicado ao treino e execução dum certa actividade, consegue suplantá-la em perfeição e rapidez, a obra levada a cabo pelo esforço e boa vontade do dilettante. O profissionalismo, sabemo-lo todos nós, é essencial à técnica do futebolista, à precisão e arrojado do artista de circo, à execução primorosa do músico etc. etc.

Do conhecimento destes factos pode nascer a impressão de que

o jornalista amador não presta, e que só o profissional é bom. Essa impressão, porém, esvae-se como o fumo, se tivermos em conta que não existe equivalência entre as actividades acabadas de citar e a actividade dos jornais. Podemos mesmo ir mais longe negando todo o paralelismo entre os que trabalham nos grandes diários, recortando e colando o noticiário das agências, e os que graciosamente são pau para toda a obra dentro dos pequenos periódicos.

Por isso as grandes empresas jornalísticas possuem todas elas um corpo redactorial, pago a mês, e um grupo de colaboradores vencendo conforme a tarefa executada ou mesmo trabalhando gratuitamente como é o caso do diário «Republica» onde o autor destas linhas tem imensos artigos publicados sem nunca ter recebido remuneração alguma.

Temos assim bem distintas duas categorias de plúmbeos: O jornalista e o colaborador.

O primeiro ocupa-se da prosa corrida a ligar factos acontecidos e fornece a leitura do público menos letrado, isto é, o noticiário mais ou menos igual em todos os jornais. Está sujeito a um horário de trabalho e possui vencimento mensal fixo, encontrando-se integrado num sindicato que tem por finalidade a defesa dos interesses da classe.

O segundo constitui o cérebro dos grandes jornais. Dele saem os artigos com conteúdo; dum maneira geral à cultura que o leitor exigente busca para satisfazer exigências espirituais. Este indivíduo é geralmente um intelectual, recrutado nas mais variadas actividades mas muito raro entre a classe dos jornalistas.

Estas coisas de espírito são sempre obras de curiosidade. Só saem quando têm de sair; quando querem sair; e quando as ideias ocorrem a um cérebro capaz de orientá-las para um fim útil e de interesse geral. Ora esse sentido de orientação, fundamental a quem se dirige ao público, exige por um lado uma especialização em determinado ramo de actividade, alheio ao jornalismo. Assim, para a crítica literária exige-se um literato, para as notas económicas um economista; para as crónicas internacionais um político ou sociólogo. Da ca-

tegoria destes especialistas, todos eles colaboradores de jornais e raramente profissionais de imprensa, resulta a categoria do jornal.

De certo modo poderão dizer-nos que nas pequenas folhas temos noticiaristas e fundistas; indivíduos que se contentam a redigir notícias; e outros, mais exigentes ou mais competentes, apenas interessados em assuntos de fundo reveladores dum maior garra.

Porem, entre nós, o noticiarista puro e simples, o que faz umas entrevistazinhas e fundilha uns alvitris sem relevo, sem ideia, sem elevação, é dentro dos jornalistas amadores, o mais pobre de recursos, o de menos categoria, e o que mais pugna por um processo de se confundir com os jornalistas profissionais.

Para nós essa confusão não tem atractivo algum. Somos amadores e... temos muita honra nisso. Não queremos confusões. De resto, nesta coisa de jornais, o problema da designação que compete a quem os escreve, surge como coisa secundaríssima. O que importa é a qualidade da obra escrita, porque esta constitui a prova de quanto pode a imprensa regional em confronto com outra qualquer imprensa.

Devemos pois fazer um esforço para melhorar a produção. Assim valorizaremos o título de amadores, fazendo dele um motivo de orgulho. O caminho é este, já que o título é nosso e muito nosso. Não temos outro e... não queremos outro.

J. Silva Carvalho

Visado pela Comissão de Censura

OFERECE-SE

Viajante, para mercearias ou vinhos com conhecimento dos mesmos, e com carta profissional de pesados e ligeiros.

Quem pretender dirija-se a: Antonio Murta Gomes Aires — ALMODVAR

MÓVEIS

Janel

ORGANIZAÇÃO MODELO
PARA A DECORAÇÃO DO LAR



GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO
EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS
VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76-A
LISBOA TELEF. 51695